

CURSO DE PSICOLOGIA

Chana Tischer Sulzbacher

**“SÍNDROME DO ENCAMINHAMENTO”: UMA ANÁLISE SOBRE AS
MOTIVAÇÕES DOS ENCAMINHAMENTOS PARA ATENDIMENTO
PSICOLÓGICO DE CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Santa Cruz do Sul

2016

ChanaTischer Sulzbacher

**“SÍNDROME DO ENCAMINHAMENTO”: UMA ANÁLISE SOBRE AS
MOTIVAÇÕES DOS ENCAMINHAMENTOS PARA ATENDIMENTO
PSICOLÓGICO DE CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Psicologia, da Universidade de Santa Cruz do Sul para obtenção do título de Psicóloga.

Orientador: Roselaine Berenice Ferreira da Silva

Santa Cruz do Sul

2016

“Não somos apenas o que pensamos ser. Somos mais; somos também o que lembramos e aquilo de que nos esquecemos; somos as palavras que trocamos, os enganos que cometemos, os impulsos a que cedemos, sem querer”

(Sigmund Freud)

Dedico a todos que de alguma forma desprenderam tempo e atenção para a realização deste trabalho, especialmente a Alice, maior inspiradora e incentivadora.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que de alguma forma contribuíram e me incentivam para realização deste trabalho.

À UNISC, local que me proporcionou momentos de muito aprendizado e crescimento.

À minha orientadora Roselaine pelo incentivo e dedicação.

Ao Colégio Professor José de Oliveira Castilhos que me possibilitou a realização desta pesquisa.

À minha sogra Alice que mais me incentivou e inspirou, proporcionando todo apoio e dedicação.

Ao meu marido Gustavo que sempre esteve presente, ouvindo e ajudando em todos os momentos.

À minha irmã Bruna que é companheira fundamental sempre dedicada.

À minha mãe Marione, sempre disposta e atenciosa.

Ao meu cunhado Mateus, sempre pronto a ajudar.

RESUMO

Com muita frequência, a escola e os educadores não conseguem dar conta das demandas e problemas existentes na sala de aula e necessitam de ajuda externa, recorrendo a especialistas, especialmente aos psicólogos com a genuína esperança de que o aluno superará as dificuldades constatadas como indisciplina, falta de limites, desmotivação, desinteresse, dificuldades de aprendizagem entre outras. Este artigo tem como foco principal refletir e verificar quais os principais motivos e queixas da escola que suscitam o encaminhamento psicológico de crianças que frequentam os anos iniciais da Educação Básica de uma escola particular de um município do Vale do Taquari e Rio Pardo. Pretende também analisar o perfil e as dificuldades apresentadas pelas crianças encaminhadas e refletir sobre a instituição escolar quanto às dificuldades encontradas no enfrentamento dos problemas apresentados. Para a coleta de dados desta investigação foram utilizadas estratégias da metodologia de abordagem qualitativa, através de observação, entrevistas semiestruturadas e análise documental em laudos produzidos pela instituição escolar. Todos os dados coletados e observados foram analisados de forma descritiva e qualitativa tendo presente a percepção subjetiva dos atores envolvidos na pesquisa à luz da fundamentação das concepções e conhecimentos obtidos a partir de pesquisa bibliográfica. As contribuições de autores como Abud e Romeu, Vasconcellos, Oliveira, Karnal, Souza, Vygotsky, Bock, Dumas entre outros foram relevantes para a reflexão sobre o tema. Família e escola são as principais instituições na formação do ser humano, mas muitas vezes se fragilizam, não atendem as demandas e tampouco encontram estratégias para fazer frente aos problemas e por isso recorrem a terceiros para resolvê-los, gerando uma verdadeira síndrome de encaminhamentos, muitos dos quais poderiam e deveriam ser resolvidos na própria instituição.

Palavras-chave: Encaminhamento psicológico; dificuldades de aprendizagem; indisciplina; queixas escolares.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 METODOLOGIA.....	09
2.1 Abordagem da pesquisa.....	09
2.2 Participantes.....	09
2.3 Instrumentos da pesquisa.....	10
2.4 Considerações éticas.....	10
2.5 Análise de dados.....	11
3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	12
4 DISCUSSÃO DE DADOS.....	20
4.1 Percepção das dificuldades em sala de aula sob o olhar das educadoras e a necessidade de auxílio interno e externo nas suas demandas.....	20
4.2 Percepção dos gestores diante das demandas da instituição escolar.....	27
4.3 Encaminhamentos de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental à atendimento psicológico.....	33
4.4 Postura do professor e aluno: um olhar externo a partir das observações in loco.....	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	52
ANEXOS.....	56
Anexo I – Parecer consubstanciado do CEP.....	57

1 INTRODUÇÃO

A escola, como instituição formal do saber, sempre teve o desejo intrínseco de ter alunos ávidos pelo conhecimento, interessados, dedicados, ajustados, comportados e com sucesso no processo de aprendizagem. Todavia, a realidade da sala de aula apresenta e sempre apresentou uma realidade diferente. Não são poucos os alunos que não conseguem se adaptar, que são indisciplinados, desmotivados, que apresentam dificuldades de aprendizagem e uma gama variada de problemas, originados muitas vezes por situações familiares conflitantes ou pela própria estrutura da escola, que não consegue evoluir e inovar-se na mesma medida que os demais avanços da sociedade.

Diante de tantos problemas enfrentados, é comum os educadores terem muitas queixas em relação à família, ao sistema educacional, às condições de trabalho, ao desinteresse dos alunos, à indisciplina/falta de limites além dos problemas de aprendizagem. Neste contexto, tem aumentado significativamente a busca de ajuda de especialistas de outras áreas, especialmente de psicólogos, gerando muitas vezes uma síndrome de encaminhamento: o professor encaminha à direção ou orientação educacional e estes, com o aval do professor, encaminham para atendimento psicológico ou avaliação neurológica.

Muitos dos problemas que originam o encaminhamento ao atendimento psicológico têm suas causas em situações familiares conflitantes, dificuldade dos pais de colocarem limites, pais ausentes que não participam da vida escolar dos filhos, mas também falta à escola ter uma proposta pedagógica mais clara, professores com formação mais adequada, capazes de utilizar uma metodologia que encante e motive os alunos a aprender e capacidade de gerenciar problemas e conflitos em sala de aula e na escola como um todo.

O presente artigo tem como objetivo principal verificar quais são as principais queixas e motivações dos educadores que geram encaminhamento ao atendimento psicológico de crianças que frequentam os anos iniciais (1º ao 5º ano) da Educação Básica de uma escola particular localizada no centro do município de Venâncio Aires. Objetiva-se também analisar o perfil e as dificuldades apresentadas pelas crianças encaminhadas a partir de queixas dos educadores em relação à vida escolar e refletir sobre a instituição escolar quanto às dificuldades encontradas no enfrentamento dos problemas apresentados pelas crianças no contexto escolar fazendo com que procurem ajuda de profissional de Psicologia para atender as demandas de educar, caracterizando ou não uma Síndrome de Encaminhamento. Para atingir os fins propostos realizou-se uma pesquisa bibliográfica e um levantamento, análise e discussão dos dados. O referencial teórico traz diversos autores que abordam temas como a

instituição familiar, o contexto escolar atual, a questão da indisciplina e falta de limites, a desmotivação do aluno, as dificuldades de aprendizagem entre outros.

Esta pesquisa fundamenta-se em levantamento, análise e discussão dos dados, especificamente atendimentos psicológicos de alunos na faixa etária de 6 a 10 anos realizada por uma escola particular, cuja coleta de dados deu-se pela análise documental das fichas de encaminhamento, pareceres descritivos enviados aos psicólogos, registros diversos destes alunos. Também foram realizadas entrevistas com as educadoras dos anos iniciais, com a orientadora educacional, supervisora escolar e o diretor deste educandário, bem como observação direta de alguns dos alunos encaminhados.

A pesquisa está estruturada em três seções principais: a exposição teórica acerca dos problemas e queixas que motivam os encaminhamentos a atendimento psicológico explicita como os dados e as pesquisas foram coletadas e apresenta análise e discussão dos mesmos com reflexões a cerca do tema e pretende contribuir propondo sugestões de intervenções pedagógicas. Por fim, apresenta as considerações finais destacando os aspectos mais importantes desta pesquisa que não se esgota, mas que possibilita discutir com os educadores sobre possibilidades concretas de ação junto aos alunos e suas famílias.

2 METODOLOGIA

2.1 Abordagem da pesquisa

Esta pesquisa pretende descrever e investigar o ambiente de aprendizagem e as estratégias utilizadas pela gestão escolar e pelos professores na condução do processo educativo. Foca especialmente nas motivações dos encaminhamentos ao atendimento psicológico de crianças entre 6 e 10 anos que frequentam os anos iniciais da Educação Básica de uma escola particular. A pesquisa qualitativa interpreta e atribui significado ao tema proposto, estabelecendo um vínculo entre a subjetividade do pesquisador e o mundo real.

2.2 Participantes

As entrevistas foram realizadas com 5(cinco) educadoras que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental cuja faixa etária varia entre 20 e 40 anos, todas com formação superior na área educacional; com os gestores da escola cuja equipe é formada por uma orientadora educacional, uma supervisora escolar e o diretor da instituição de ensino, sendo uma entrevista para os educadores e outra para a equipe gestora, tendo em vista obter a concepção destes profissionais em relação à resolução de conflitos comuns na escola e sala de aula e especialmente, as motivações para os encaminhamentos ao atendimento psicológico e o que esperam deste. Os participantes das entrevistas possuíam características necessárias para a presente pesquisa por terem formação, experiência e atuação educacional, totalizando uma amostra de 08 (oito) pessoas.

A análise documental foi realizada pela autora da pesquisa mediante a análise dos encaminhamentos descritivos, elaborados pela escola, dos alunos que necessitam atendimento psicológico.

O levantamento bibliográfico inclui obras relevantes das áreas de educação e psicologia, enquanto que as observações *in loco* ocorreram na sala de aula das turmas de 1º ao 5º ano, na hora do recreio e demais atividades escolares como oficinas e atividades extracurriculares, totalizando 20 horas.

2.3 Instrumentos da pesquisa

Objetivando buscar respostas ao problema estabelecido, esta pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa com realização de entrevistas elaboradas pela autora do projeto com educadores e gestores de uma escola particular. Procedeu-se uma análise documental para obtenção de dados descritivos, através das fichas produzidas pela escola para o encaminhamento dos alunos para profissionais da psicologia; efetuou-se observação direta na sala de aula, pátio (recreio) e demais dependências e atividades escolares de três alunos encaminhados pela escola, assim como levantamento bibliográfico com autores importantes para refletir sobre os objetivos propostos. A obtenção dos dados se deu no contexto de uma escola da rede privada, localizada no centro de um município do Vale do Rio Pardo que oferece as etapas de Educação Infantil e Ensino Fundamental. A escola é de tempo integral até o 6º ano, cujos educandos, em sua maioria, pertencem à classe média, média baixa e não tem acesso ao atendimento especializado gratuito oferecido no município no Centro Integrado de Educação e Saúde que atende apenas alunos do ensino público.

Através da análise documental foi possível compreender as motivações, queixas, preocupações da escola/educadores em relação aos alunos encaminhados a atendimento psicológico, assim como se teve acesso às informações sobre a vida escolar e familiar. As observações permitiram conhecer o cotidiano escolar e verificar se as razões apresentadas pelos educadores, em relação aos problemas, são constatadas *in loco* ou é possível uma percepção diferenciada da realidade observada.

As entrevistas possibilitaram conhecer os envolvidos no processo e suas percepções quanto às dificuldades e necessidades de ajuda no atendimento das demandas escolares.

2.4 Considerações éticas

Os participantes desta pesquisa foram informados sobre os objetivos do estudo e receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido previamente ao início de sua participação, sendo que todos os cuidados éticos serão observados. Os participantes, igualmente, receberam individualmente a devolução acerca dos resultados da pesquisa. O material coletado será preservado pelo período de 03 anos e após será descartado.

2.5 Análise de dados

A partir dos dados coletados através das entrevistas com as professoras e os gestores, a análise dos laudos de encaminhamento emitidos pela escola e pelas observações *in loco* analisou-se as principais motivações e queixas da escola e das educadoras que originam o encaminhamento psicológico de crianças que frequentam os anos iniciais da Educação Básica; o motivo da solicitação do atendimento psicológico e que resultados esperam. Descreveu-se como a instituição, objeto desta pesquisa, através de seus educadores e gestores, enfrentam os problemas e conflitos que se apresentam no cotidiano escolar especialmente se tratando de alunos/crianças, considerando que a pesquisa se restringe a encaminhamentos na etapa dos anos iniciais do Ensino Fundamental, cuja faixa etária é de 6 a 10 anos. As entrevistas, análises documentais e observações da autora do projeto proporcionaram dados capazes de atender a uma das principais expectativas desta pesquisa, ou seja, se os encaminhamentos são de fato necessários, considerando o perfil e as dificuldades apresentadas pelos alunos, ou se os mesmos podem caracterizar uma Síndrome de Encaminhamento - que se supõe ser frequente nas escolas - devido à dificuldade de atender as demandas cada vez maiores que a escola precisa dar conta no contexto atual da sociedade diante da fragilidade de outras instituições, especialmente a família.

Todos os dados coletados e observados foram analisados de forma descritiva e qualitativa tendo presente a percepção subjetiva dos atores envolvidos na pesquisa à luz da fundamentação das concepções e conhecimentos obtidos a partir de pesquisa bibliográfica.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A educação, segundo Saviani (1997, p.11), é um fenômeno próprio dos seres humanos, e para entendermos sua natureza precisamos antes compreender a natureza humana. O ser humano diferencia-se dos outros animais, ele “necessita produzir continuamente sua própria existência”. O homem transforma a natureza, criando um mundo humano, adaptando-a a si, por meio do trabalho que é uma atividade com uma finalidade intencional.

A escola, como uma organização viva, tece uma rede de relações em que todos que dela participam sofrem seus efeitos tornando cada vez mais necessário que a escola ofereça aos seus educandos oportunidades para que possam aprender para compreender a vida, a si mesmo e a sociedade. Muito se afirma que se vive na era do conhecimento, mas muitas vezes este conhecimento não acontece na esfera de preparar o aluno para enfrentar a vida ou até mesmo entendê-la. A escola precisa pensar o aluno como um todo, suas necessidades, potencialidades e peculiaridades sendo respeitadas, construindo coletivamente e criando condições para que seja possível atender às diversidades dentro da escola.

Para Giffoni Cilião Torres (2011) a escola deve ser considerada como uma das instituições que mais consegue ou precisa conseguir responder pelo desenvolvimento das funções psicológicas superiores, pois, ao oferecer à criança as condições de apropriação de signos/mediadores culturais, favorece o domínio de sua atividade psíquica.

É preciso compreender, família e escola, que a criança, ser em formação, precisa de ajuda para desenvolver suas potencialidades e apropriar-se dos conhecimentos.

Conforme afirma Vygotsky (1999, p. 129-130):

O que a criança é capaz de fazer hoje em cooperação, será capaz de fazer sozinha amanhã. Portanto o único tipo positivo de aprendizado é aquele que caminha à frente do desenvolvimento servindo-lhe de guia; deve-se voltar não tanto para as funções já maduras, mas principalmente para as funções em amadurecimento.

Enquanto Enguita Fernandés (2010) afirma que a escola deveria ser analisada de fora com relação às suas possibilidades e as funções que tem na sociedade, Gadotti (2000) acredita que são os conflitos no interior da escola, as contradições e determinações nela vivenciadas, suas necessidades e possibilidades que geram a crise que segundo o autor, a escola atual vive.

Estas crises internas muitas vezes geram rotulação dos alunos por parte dos professores, caracterizando os alunos como difíceis, indisciplinados, desinteressados, entre outros,

provocando inclusive, como afirma Vasconcellos (2002), uma Síndrome de Encaminhamento (prática de encaminhar o aluno para a orientação ou direção) que por sua vez provoca outra síndrome: a Síndrome do Chamamento (fica chamando as famílias para dizer que os filhos têm problemas). Atualmente, a Síndrome de Encaminhamento se estendeu aos profissionais da área da neurologia, psicopedagogia e especialmente da psicologia como forma de encontrar solução para os conflitos existentes na escola.

Muito se fala e escreve sobre a necessidade e importância da integração família e escola no sentido desta parceria favorecer o desenvolvimento das crianças em idade escolar, mas na prática cotidiana estas instituições nem sempre conseguem estar em sintonia ou até conviver em harmonia.

De qualquer forma, por mais problemas que apresentem, ainda são família e escola as instituições que mais se preocupam com o desenvolvimento das crianças e adolescentes. É preciso compreender a importância e a complexidade de ambas.

Em relação à família, Buscaglia (1997, p.78) afirma que esta:

[...] desempenha importante papel na determinação do comportamento humano, na formação da personalidade, no curso da moral, na evolução mental e social, no estabelecimento da cultura e das instituições. Como influente força social, não pode ser ignorada por qualquer pessoa envolvida no estudo do crescimento, desenvolvimento, da personalidade ou do comportamento humanos.

De acordo com Santos; Nunes (2006) entende-se que é muito importante o papel da família na educação de seus filhos. A presença dos pais diretamente na educação dos filhos tem grande influência no desenvolvimento destes, pois os membros da família exercem forte influência no comportamento dos indivíduos em fase de amadurecimento emocional, pois este dependerá, em grande escala, de suas experiências emocionais anteriores, ou seja, aquilo que for experimentado na infância desempenha importante papel durante os anos de adolescência. Até hoje a família transmite, avalia e interpreta cultura para a criança.

Para Buscaglia (1997, p.84):

O papel da família estável é oferecer um campo de treinamento seguro, onde as crianças possam aprender a ser humanas, a amar, a formar sua personalidade única, a desenvolver sua autoimagem, e a relacionar-se com a sociedade mais ampla e mutável, da qual e para a qual nascem.

A família é um sistema bastante complexo já que cada família é única, seus valores, composições, princípios e crenças entre outros são diferentes das demais. Estas relações complexas e diferenciadas devem possibilitar o desenvolvimento de cada um dos integrantes

da família, pois estão muito influenciadas tanto por características pessoais de cada pessoa quanto pelas de suas famílias de origem.

Conforme Cordeiro (2007), os educadores pressupõem que a família é a responsável por formar crianças com bons hábitos e comportamentos, colaborando para sua formação futura, entretanto, essa não é a total realidade, pois no dia a dia da sala de aula, os professores se deparam com alunos sem limites definidos, sem hábito de estudo, sem atitudes básicas como respeito, responsabilidade entre outros. Assim, as reais condições dos alunos com os quais os professores trabalham são bem distintas da desejada, o que prejudica a efetividade do trabalho desenvolvido e, conseqüentemente, do processo de ensino-aprendizagem.

Mesmo diante de tantos problemas não se pode minimizar a relevância da família no contexto educacional, pois de acordo com Santos; Nunes (2006), citando Aquino, "é impossível negar, portanto, a importância e o impacto que a educação familiar tem (do ponto de vista cognitivo, afetivo e moral) sobre o indivíduo."

Para LaTaille (1996, p.9):

(...) crianças precisam sim aderir regras e estas somente podem vir de seus educadores, pais ou professores. Os limites implicados por estas regras não devem ser apenas interpretados no sentido negativo: o que não poderia ser feito ou ultrapassado. Deve também ser entendido o seu sentido positivo: o limite situa, dá consciência de posição ocupada dentro de algum espaço social – a família, e a escola como um todo.

Uma das maiores queixas dos educadores em relação aos alunos e as dificuldades em desenvolver o processo ensino-aprendizagem é a indisciplina e para compreendermos o significado de indisciplina faz-se necessário conceituarmos com clareza a mesma. Conforme Parrat-Dayan (2008, p. 78), "[...] a disciplina aparece como um conjunto de regras e obrigações de um determinado grupo social e que vem acompanhado de sanções nos casos em que as regras e/ou obrigações forem desrespeitadas". Desta forma, podemos afirmar que a indisciplina provém do descumprimento de regras e normas estabelecidas, sugerindo que o comportamento e as atitudes devem estar de acordo com as mesmas.

A indisciplina tem diversas facetas e pode ser compreendida e interpretada de diversas formas. Segundo Aquino (1996, p. 43), "Se entendermos por disciplina comportamentos regidos por um conjunto de normas, a indisciplina poderá se traduzir de duas formas: 1) a revolta contra estas normas; 2) o desconhecimento delas." Ou seja, o indivíduo pode ter conhecimento das normas e não cumpri-las por não estar de acordo com as mesmas, ou simplesmente as desconhece e age de acordo com o seu pensar, seja ele certo ou errado.

Como afirmam Abud e Romeu (1989, p. 89) “A escola precisa evitar a rotina e a mecanização, pois esses aspectos se constituem, muitas vezes, em causas do desinteresse, podem gerar a indisciplina, causando o insucesso do aluno na aprendizagem.” Se o aluno não tiver vontade de estar em sala de aula, de aprender realmente, e não for motivado para isso, tem grandes chances de se tornar um aluno indisciplinado. Conforme Cançado (1996, p. 17) “Diante da indisciplina, muitas vezes, nós, educadores, deixamos de aproveitar a oportunidade para conhecer e orientar os alunos e, ao contrário, os punimos.” E, ainda de acordo com o autor, punir é muito mais fácil que educar, pois para educar é preciso estar disposto a escutar, aconselhar e identificar os fatores que levaram o aluno a agir desta forma. Educar exige tempo, disponibilidade, vontade, comprometimento e acima de tudo precisamos fazer com que o aluno compreenda o que está fazendo de errado e por que não deve agir de tal maneira.

Conforme Karnal (2012, p.54) “[...] a disciplina em sala de aula é uma conquista diária e também uma repetição de pequenas ações imprescindíveis para que se tenha um clima tranquilo de aprendizagem.”

De acordo com Abud e Romeu (1989), de nada adianta reprimir alguma atitude, considerada inadequada do ponto de vista da escola, se ela faz parte da vida cotidiana e familiar da criança. Tal ação possivelmente não terá como consequência os resultados desejados, já que ela está acostumada com este modo de agir.

Segundo Oliveira (2005), toda indisciplina tem uma causa e a mesma não é simplesmente uma ação, mas uma reação. Para ela, existem vários fatores determinantes da indisciplina, um deles é a família. Ela afirma que muitas das atitudes de indisciplina, são reflexos de uma educação recebida não apenas da sociedade, mas do ambiente familiar. O ambiente familiar o qual autora considera em seu livro é aquele em que a criança convive com os pais, avós, tios, padrinhos etc., pois são as pessoas, segundo ela, que a criança tomará como exemplo e que direcionarão e influenciarão em sua conduta.

Neste sentido, Oliveira (2005) salienta que, interessa ressaltar que a "educação oferecida" pelos responsáveis reflete na relação da criança com os colegas e com os professores, podendo gerar atitudes indesejáveis na escola que culminam em desobediência, agressividade, falta de respeito perante os colegas, professores e outros.

Como afirma Paula (2010, p. 49-50):

A escola, enquanto agente que educa crianças, jovens, adultos e idosos, precisa oferecer oportunidades para este tipo mais abrangente de formação de cidadãos. Mais do que isso, a escola precisa oferecer oportunidades de desenvolvimento de

comportamento e atitudes baseados na diversidade humana e nas diferenças individuais dos seus alunos.

Outra queixa expressada com muita preocupação por parte dos educadores são as dificuldades de aprendizagem que se apresentam na sala de aula. A escola aspira ao sucesso escolar, ou seja, que todos os alunos ao cruzarem o portão da escola assimilem todos os conteúdos (com significado ou não) trabalhados pelo professor. Todavia, há ritmos e tempos diferentes de aprendizagem e estes muitas vezes não são considerados ou entendidos pelos professores, criando o conceito de que tem alunos que “não aprendem” e necessariamente não são alunos inclusos com deficiência intelectual.

A simples presença do aluno na escola não garante que haja aprendizagem, por ser um processo contínuo e complexo é necessário que todo um contexto seja conjugado neste sentido, segundo Rego (2010, p. 109):

Sabemos que a presença na escola não é garantia de que o indivíduo se apropria do acervo de conhecimentos sobre áreas básicas daquilo que foi elaborado por seu grupo cultural. O acesso a esse saber dependerá, entre outros fatores de ordem social e política e econômica, da qualidade do ensino oferecido.

O desafio posto às famílias e escola de que a criança aprenda passa necessariamente pelo respeito aos tempo, ritmo e necessidades da criança. As crianças precisam sentir-se seguras e confiantes na sua própria capacidade. Para Rego (2010, p. 109):

Quando a criança sente que aprender é uma experiência excitante da qual se pode desfrutar, então isso se transformará em algo que nunca termina, durando toda a vida. As crianças aprendem a esconder suas dificuldades com comportamentos como ser o palhaço da classe, manter-se calada, adoecer, fugir das responsabilidades, demonstrar desinteresse ou, muitas vezes, através do mau comportamento. Com frequência fica isolada, esconde-se ou evita fazer as coisas porque assim ninguém poderá lhe causar dano. Estas máscaras protetoras utilizadas para não serem tachadas de burras, lentas ou intratáveis isolam-nas socialmente.

Alicia Fernades (2001) destaca que para aprender é indispensável que entre o ensinante e o aprendiz seja estabelecido um vínculo afetivo. Ferreira (1993, p.17) afirma que:

Para aprender, os seres humanos colocam em jogo quatro fatores: seu organismo individual herdado; seu corpo construído especularmente; sua inteligência construída na interação com os outros seres humanos; seu desejo que está sempre relacionado ao desejo do outro ser humano, é a interação destas quatro instâncias do aprender que explica a aquisição do saber.

As dificuldades de aprendizagem quando surgem no contexto escolar devem ser investigadas com seriedade, sem cair em rótulos ou diagnósticos apressados.

Diante das dificuldades de aprendizagem e/ou problemas comportamentais na escola, muitas crianças são encaminhadas ao atendimento psicológico e a própria psicologia se pergunta se são necessários todos os encaminhamentos realizados pela escola, se uma gama importante de situações/problemas apresentados em sala de aula não são de competência da própria escola. Todavia, diante das dificuldades e crises enfrentadas pela família e escola, vem aumentando consideravelmente o número de crianças encaminhadas e é muito comum os educadores esperarem que as soluções sejam rápidas e eficazes.

Freller (2004) afirma que a escola, ao realizar o encaminhamento de um aluno tem a expectativa de que a psicologia irá auxiliá-la a dar conta de suas dificuldades, sejam elas na superação dos problemas de aprendizagem, nas atitudes comportamentais consideradas como indisciplina e inclusive nos problemas de conduta social. Pondera que esta busca por atendimento psicológico clínico normalmente não é um atendimento que respeite o que a psicologia educacional contemporânea propõe.

Diversos estudos foram e estão sendo feitos no sentido de responder estas questões básicas e com este propósito Marturano (1999), procurou estabelecer uma relação entre o contexto familiar com o desempenho escolar em crianças encaminhadas para atendimento psicológico com queixa de dificuldades de aprendizagem na escola.

Nesse contexto, Keiko, Marturano, Elias (2005) afirmam que a busca de ajuda psicológica adquire um sentido mais amplo, que ultrapassa a questão da queixa escolar, pois provavelmente famílias estabelecem perspectivas de que terão auxílio direto de como resolver ou ao menos lidar “com os problemas relacionais, provavelmente intensificados com a dificuldade acadêmica; e o prognóstico de crianças que agregam dificuldades pessoais nos relacionamentos a um padrão adverso de cuidados parentais justifica amplamente a ajuda psicológica nesses casos”.

Ainda, Bock (2001) afirma que atuação do psicólogo diante das queixas escolares, não deve seguir num modelo classificatório, estigmatizando os sujeitos como os aptos ou não aptos, saudáveis ou doentes, adequados ou inadequados, competentes ou incompetentes, o que possibilitaria reforçar estigmas e discriminações. Para Bock (2001) o profissional da psicologia deve definir suas atuações sempre numa perspectiva crítica.

Segundo Kernberg, Chazan (1992), a criança que apresenta transtorno de comportamento segundo os conceitos psicanalíticos apresenta prejuízos em seu desenvolvimento, possuindo déficits do ego nas áreas do funcionamento cognitivo, atenção,

controle de impulso, julgamento, modulação do afeto, linguagem e tolerância para ansiedade e frustração, sendo fundamental o apoio psicológico.

Ainda sobre o ponto de vista psicanalítico Kernberg, Chazan (1992) apontam ser possível verificar deficiências nas estruturas básicas da personalidade e relacionamentos. A criança pode apresentar comportamentos como raiva, hostilidade, ansiedade e imagens de “self” negativas, introduzindo esses sentimentos que são automaticamente projetadas para o mundo externo. Muitas vezes os adultos que a cercam, especialmente pais e professores não entendem esse comportamento agressivo, assumindo muitas vezes uma postura de agressor, criticando ou sendo diretamente negativista, encenando assim para a criança sua própria autocrítica, fazendo com que a mesma se sinta vítima frente à falta de compreensão e da imposição de culpas, sendo que se sentem desamadas e desprotegidas.

Para sabermos que estamos lidando com um transtorno de comportamento Kernberg, Chazan (1992) apontam ser necessário localizar as primeiras manifestações de raiva da criança e suas reações frente a essa situação, seus recursos para lidar com as frustrações e com a agressividade, sendo fundamental prestar atenção em como essa criança se relaciona com os jogos dentro do contexto terapêutico, pois a tendência é ter uma interação unidimensional e concreta com os objetos. Outro ponto muito importante a ser analisado segundo os autores é a teoria do apego, sendo que a mesma se origina dos conceitos de relações objetais, sendo que os padrões aprendidos de comportamento auxiliam muito para entendermos como os modelos de relações objetais e operacional internos são adquiridos e a intervenção terapêutica entra para modificar e ajudar nesses padrões disfuncionais.

Diante deste contexto, cabe se perguntar qual o tipo de atuação que o psicólogo deve ter diante das queixas escolares cada vez mais frequentes. Para Leonardo e Silva (2009, p. 8):

a preocupação centra-se em pensar que estes profissionais possam estar ainda olhando os problemas de escolarização de forma individualizada, isto é, mantendo-se dentro de um modelo psicologizante ou patologizante que se distânciam muito de uma atuação a partir de uma perspectiva crítica de Psicologia, que desconsideram os aspectos de ordem sociais, econômicos e culturais. Portanto, fazer uma leitura do fracasso escolar centrado-se no indivíduo, isto é, em aspectos de personalidade, orgânicos e cognitivos, assim como decorrentes de questões familiares é muito determinismo e reducionismo.

Para Souza (2004), além do foco no indivíduo e seu grupo familiar, é fundamental que o psicólogo que atende aluno com queixa escolar, construa uma relação com a instituição escolar considerando que é necessário que, ao ir além nesta investigação, conseguirá elementos mais completos para sua ação.

Desta forma, é imprescindível que os psicólogos conheçam em profundidade as implicações do ato pedagógico e as relações pedagógicas existentes na escola compreendendo como as mesmas motivam encaminhamentos dos alunos para o atendimento na área da psicologia.

4 DISCUSSÃO DE DADOS

4.1 Percepção das dificuldades em sala de aula sob o olhar das educadoras e a necessidade de auxílio interno e externo nas suas demandas

Foi realizada uma entrevista individual com 5(cinco) educadoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de uma escola da rede privada de um município do Vale do Rio Pardo cujas idades variam de 26 a 44 anos, com tempo de atuação no magistério entre 3 e 24 anos, todas com curso de Pedagogia (uma delas cursando) sendo que duas estão fazendo curso de pós-graduação na área da educação.

Em relação às maiores dificuldades que as educadoras enfrentam na sala de aula, constata-se que as mesmas podem ser reunidas em três grupos:

- dificuldades de aprendizagem;
- atitudes comportamentais;
- relações com a família.

No que diz respeito às dificuldades de aprendizagem destaca-se o fato do aluno não acompanhar a turma, ter dificuldade de compreender e desenvolver os conteúdos específicos do ano que frequenta, não evoluem como se espera. Destaca-se que apenas duas professoras apresentaram a questão da aprendizagem como uma dificuldade em sala de aula. Em relação às dificuldades de aprendizagem cabe ressaltar que a escola deve ter como prioridade a construção do conhecimento mediante um conjunto de condições favoráveis. Segundo Lane e Codo (1993, p. 174):

O meio escolar deve ser um lugar que propicie determinadas condições que facilitem o crescimento, sem prejuízo dos contatos com o meio social externo. Há dois pressupostos de partida: primeiro, é que a escola tem como finalidade inerente a transmissão do saber e, portanto, requer-se a sala de aula, o professor, o material de ensino, enfim, o conjunto das condições que garantam o acesso aos conteúdos; segundo, que a aprendizagem deve ser ativa e, para tanto, supõe-se um meio estimulante.

No que se refere às questões comportamentais, todas as educadoras destacaram como uma grande dificuldade:

- a falta de limites dos alunos, que não aceitam um “não”, não apresentam tolerância à frustração, querem todas as suas vontades atendidas, apresentam dificuldade em atender ordens;
- a indisciplina, caracterizada pelas atitudes inadequadas como palavrões, brigas, desrespeito e pela falta de um comportamento adequado no ambiente escolar;
- falta de paciência e companheirismo entre os colegas, dificultando a socialização entre os alunos.

Todavia, a questão que mais causa dificuldades em sala de aula para as educadoras entrevistadas está ligada a família. Entre as queixas destaca-se:

- a família transfere para a escola responsabilidades que são pertinentes à instituição familiar, os pais não conseguem atender as demandas de educar os filhos;
- dificuldade em exercer a figura de autoridade e conseqüentemente em impor limites;
- falta de comprometimento real com as questões dos filhos;
- pais que não enxergam ou não querem enxergar os problemas dos filhos;
- escola/professores precisam dar conta de ensinar o básico como boas maneiras, bons hábitos, higiene entre outros.

As educadoras percebem as famílias muito fragilizadas, com dificuldade em impor limites básicos. Neste sentido,

Onde está o Pai? Quem representa a Lei que interdita, que impõe limites, oportunizando o outro a ver para além de si mesmo? A escola, que também sofre os impactos da queda do significante paterno através da figura de seus professores, descaracteriza-se de seu propósito inicial: a transmissão de saber. Como transmitir algo quando a dinâmica de transferência ocorre de maneira tão precária? Como transmitir algo quando não se reconhece no professor um lugar de diferença, um lugar de mestre? (GUIMARÃES, 2008, p. 117).

Nem sempre as relações entre escola e família são harmoniosas, por vezes surgem conflitos que geram distanciamento e incompreensões. Para Zenker (2004, p.254):

Uma vez efetivada a matrícula, família e escola começam a estabelecer uma espécie de jogo. Nele, acontecem as mais variadas normas de jogar visto serem, escola e família, universos complexos de crenças, valores, costumes, etc. Que vão se desembrulhando e se tornando visíveis no dia-a-dia.

A escola objeto deste estudo tem como rotina que os pais ou responsáveis conduzam e busquem o filho na porta da sala para facilitar o contato família-escola, repassar informações e esta prática, segundo uma das professoras, possibilita muita “liberdade” para os pais que observam tudo e querem mandar no trabalho da professora. Já para outra, esta rotina é ótima, pois permite um contato frequente com a família e possibilita à professora observar como pais e filhos interagem.

Percebe-se que em muitas situações as educadoras sentem-se responsáveis não apenas na questão da aprendizagem, mas também de resolver problemas próprios da família e nem sempre contam com apoio que esperam. De certa forma há um jogo de empurra-empurra, a família delega e espera muito da escola e a escola por vezes não olha para seu interior e analisa questões como metodologia, estratégias, busca de inovações. Em nenhuma fala das educadoras ao longo de toda entrevista surge como problema a questão do ato pedagógico, quando é este sem dúvida o grande norteador da educação formal.

Para Saviani (2005), a ação pedagógica só existe quando o conhecimento é apropriado e isto exige uma relação especial na qual o professor propõe ações que permitam que seus alunos tenham condições de se desenvolver e de construir sua aprendizagem. Neste sentido, o professor não pode ser a figura que tudo sabe, que transmite os conteúdos criando um contexto de autoritarismo de quem detém o conhecimento. Ao contrário, o professor precisa ser aquele que tem o conhecimento formal que a escola exige, mas lança mão de estratégias pedagógicas diversificadas para que o conhecimento seja apropriado pelo aluno. Assim, conforme Saviani (2005) a ação pedagógica acontece pela relação que, educador e educando, estabelecem com o próprio conhecimento.

Conforme Machado é fundamental a criação de um vínculo com a criança já que “os assuntos sobre a escola, o aprendizado, o encaminhamento são temas que só podem ser abordados em uma relação de confiança e cumplicidade com as crianças” (MACHADO, 2004, p. 98

Quanto às estratégias utilizadas pelas educadoras para resolver/mediar conflitos em sala de aula observa-se que quando se trata de dificuldades de aprendizagem as professoras colocam o aluno sentado mais perto de si, conversam com a família, procuram a coordenação pedagógica, solicitam reforço pedagógico que é oferecido pela escola. Nas demais questões, a forma de mediar os conflitos consiste basicamente em conversar com os alunos, solicitar ajuda aos gestores da escola e conversar com as famílias para entender o que está acontecendo.

Questionadas se conseguem resolver sozinhas os principais problemas que surgem em sala de aula, as professoras afirmam que sempre tentam, inicialmente, resolver as situações com os próprios alunos ou nos contatos com as famílias e o fazem conversando, orientando, analisando as atitudes, enfatizam o certo e o errado. Todavia, quando não conseguem solucionar o problema, solicitam ajuda à direção ou orientação e supervisão educacional para que conversem com o aluno, orientem novas formas de agir ao próprio professor, chamem a família para conversar e descobrir o que está acontecendo com a criança ou que se tome outras providências necessárias. Normalmente os casos em que as professoras mais precisam de ajuda de outro profissional da escola são os casos de agressividade, má conduta e dificuldades de aprendizagem.

Percebe-se que as educadoras esperam dos gestores ajuda substancial em resolver seus problemas imediatos em sala de aula, não focando em questões mais amplas da escola como seu Projeto Político Pedagógico que define o norte da escola como um todo.

Neste sentido:

Os gestores precisam trabalhar com os professores a concepção de escola que desejam implementar e, de acordo com essa concepção, como se definirá o projeto político pedagógico da escola e a prática de seus professores, de maneira a promover a aprendizagem contínua dos alunos. (GROSBAUM; DAVIS, 2002, p. 77).

Considerando que são muitas as dificuldades encontradas pelas educadoras em sala de aula, pode ser considerado normal o desejo de ter esta ajuda mais imediata, típica do cotidiano escolar. Assim, é importante que os gestores estejam disponíveis aos educadores, que sejam elos importantes em seu trabalho pedagógico e no caso das educadoras entrevistadas percebe-se um grau de satisfação elevado em relação ao retorno que recebem. Uma das falas que concretizam esta parceria é emitida pela Professora do 1º ano:

Sempre recebo um retorno da escola quanto aos alunos encaminhados, a supervisão é muito atenta quanto a isso, dando um suporte maravilhoso, e esclarecendo o foi feito, se os pais foram chamados, e o que fazer a partir dali, ou se apenas foi conversado com o aluno e enviado bilhete para a família, qual a opinião delas da situação.

Na mesma linha a Professora do 3º ano afirma:

Quando encaminhei alunos para a coordenação sempre recebi um retorno quase que imediato, esclarecendo que foi realizado em relação a cada caso, e como eu deveria lidar com a situação. Acho muito importante esse apoio que nos é dado, pois tem muitas coisas que eu, por exemplo, fico em dúvida em como agir e preciso de um respaldo para tal.

Para todas as professoras entrevistadas sempre há um retorno dos encaminhamentos que fazem aos profissionais da gestão escolar o que cria um laço de confiança e parceria no âmbito escolar.

Interessante constatar que todas as educadoras, ao serem indagadas sobre a forma de minimizar os problemas apresentados em sala de aula, afirmam que depende da família, que é necessário que a família mude sua relação com os filhos, que sejam mais firmes, deem mais carinho, se comprometam com os filhos, não deleguem suas responsabilidades.

A Professora do 2º ano resume a percepção das demais entrevistadas:

Estabelecimento de rotina, a criança fica muito livre em casa, podendo fazer tudo o hora que bem entende, escolhendo a hora de dormir comer brincar, sem ter tarefas e obrigações, aí quando está na sala de aula também não quer seguir nada, pois não está acostumada a isso. Percebo que a maioria dos meus alunos dormem no quarto dos pais ainda e penso que isso é muito errado e pode trazer muitos danos psicológicos para a criança, como insegurança e falta autonomia.

Para as educadoras é preciso entender o que está se passando com a criança, o que pode explicar o comportamento da criança que gera preocupações na escola. Enfatizam também a necessidade de amor, carinho, autoridade e comprometimento por parte da família como afirma outra professora que atua no 1º ano:

A questão familiar entra muito, o professor tenta buscar uma solução, mas muitas vezes a família não se envolve para tentar ajudar, quer que a professora faça milagre sem que precise se envolver. Sinto muito que os pais querem tudo prontinho tanto da escola como dos outros profissionais, e também tem a questão da medicação, preferem dar remédios que fazer algumas modificações da rotina. Percebo muitas vezes que não seria caso de remédios e sim um carinho a mais, uma atenção a mais, conversar com seu filho, claro que tem casos que preciso mesmo, mas noto que muitas vezes é falta de exercer o papel de pai e mãe. (PROFESSORA do 1º ano – B).

Todas as professoras entrevistadas afirmaram ter alunos encaminhados para atendimento psicológico por motivos diversos, resumido pela fala de uma das professoras:

Ah sim tenho alunos encaminhados por comportamentos agressivos, que batem muito nos colegas e não tem uma boa interação em grupo, não fazem amizade e não convivem bem em grupo, também tive dois alunos encaminhados por hiperatividade. (PROFESSORA).

Uma preocupação que também se apresenta está ligada a medicação que ultimamente tem sido bastante elevada no meio escolar. A professora mais experiente do grupo demonstra preocupação com o aumento constante do mesmo e acredita que há pais que preferem um

encaminhamento a profissionais que medicam do que um atendimento com psicólogo que normalmente é mais longo e não tem resultados “mágicos” que tantos esperam, pensam que “o remédio vai resolver tudo rapidinho e o filho vai estar ótimo depois de dias, como de fossem tratar uma dor de dente”.

Segundo Moysés (2011) “a medicalização vem ocorrendo no mundo todo, em escala crescente e em todas as instâncias da vida, mas as áreas que têm sofrido mais violentamente esse processo é a educacional e a do comportamento”. A autora também salienta que quando um problema coletivo é medicalizado, todo o problema fica centrado no indivíduo e consequentemente as autoridades, instituições e as próprias famílias ficam isentas de responsabilidade. “A medicalização tende a acalmar conflitos e esse é um dos motivos pelos quais ela se dissemina tanto”, reflete a autora.

Nessa linha de pensamento, Luengo (2010) afirma que atualmente estamos vivendo em uma sociedade hiperativa, na qual as crianças desde cedo tem uma intensa atividade diária, que entra em vigor desde a educação infantil.

Quanto ao resultado que esperam do atendimento psicológico de seus alunos e se percebem estes resultados no cotidiano da sala de aula uma professora foi enfática em afirmar que não houve melhora alguma e atribuiu o fato à família não se envolver, por estar levando o filho apenas porque a escola sentiu necessidade. Entretanto, para as demais educadoras foi possível perceber melhoras consideráveis como afirma a Professora do 3º ano:

Eu percebi melhoras sim no comportamento dos alunos que estavam sendo atendidos pelo psicólogo, estavam mais calmos e conseguiam prestar mais atenção da aula, também percebi que a família estava mais preocupada como filho, querendo saber como estava o comportamento em sala de aula e seu rendimento escolar, parecendo ter acordado e se dado conta da importância de estar por dentro do que a criança precisa, dando muito mais atenção ao filho.

Pelas entrevistas realizadas com as 5 (cinco) educadoras que responderam a nove questões abertas foi possível perceber que as educadoras esperam que o atendimento com psicólogo promova mudanças nas atitudes dos seus alunos, que se tornem mais calmos, mais centrados e especialmente que a família assuma melhor seus filhos a partir das orientações e acompanhamento do profissional da psicologia.

A professora do 2º ano destaca que um de seus alunos encaminhados teve melhoras consideráveis a partir do atendimento psicológico. Segundo ela, “ele era muito agressivo e explosivo, e após começar o atendimento com a psicóloga ele ficou cada vez mais calmo e tranquilo, se relacionando muito melhor com os colegas e professores”.

Conforme Wallon (1975) “Entre a psicologia e a educação, as relações não são de uma ciência normativa e de uma ciência ou de uma arte aplicadas”. Desta forma, Psicologia e Educação devem se complementar, pois a escola, que se apresenta como um meio formação do indivíduo, deve ser compreendida em suas especificidades e não raro auxilia no conhecimento psicológico sobre a criança

Na última questão, as educadoras foram questionadas se recebem alguma orientação por parte do psicólogo que atende seus alunos e se as mesmas favorecem seu trabalho e relação com o aluno a mesma professora que afirmou não ter percebido nenhum resultado no atendimento do psicólogo com seus alunos diz que a única vez que teve algum retorno foi o envio de “um livrinho e um CD sobre hiperatividade e desatenção” e segundo ela poderia ter buscado na internet estes dados que o que realmente faria diferença seria conversar e ser orientada pela psicóloga de como agir e entender seu aluno.

As demais professoras afirmam ter tido retorno e que o mesmo foi muito positivo para seu trabalho como afirma a Professora do 2º ano:

Sim, tive sim, a psicóloga veio me passar o que eu tinha que fazer, me deu várias orientações que eu não havia prestado atenção, e a partir da conversa que tive com ela comecei a prestar bem mais atenção e me dar conta que se fizesse algumas modificações no meu modo de agir com o aluno o ajudaria a progredir e melhorar.

Outra professora enfatiza que a psicóloga de um dos seus alunos a auxiliou a na sua prática pedagógica, pois tinha o hábito de dar respostas prontas aos alunos e a partir das orientações passou a incentivar e desafiar mais, empenhou-se em promover mais autonomia e a confiança pessoal dos seus alunos A psicóloga também a ajudou a compreender melhor o aluno em questão e os demais.

Outra professora afirmou que é muito importante essa orientação por parte dos psicólogos, pois normalmente as professoras não têm preparo para lidar e até entender essas situações mais complexas. Muitas vezes percebem que os alunos estão diferentes, mas não conseguem tirar dele as informações que o psicólogo consegue e principalmente, não conseguem tratá-los como é necessário e quando há uma orientação do profissional pode-se auxiliar de alguma forma.

Freller (2004) destaca que para que o psicólogo possa ter um papel significativo junto à comunidade escolar (alunos, professores, corpo técnico, funcionários, pais e voluntários) faz-se necessário que estabeleça um diálogo com estes atores a fim de identificar as situações-problema da escola, pois são estes que conhecem as demandas e não psicólogo.

Uma professora destaca que muitas vezes o retorno é dado ao serviço de supervisão e orientação educacional e estas repassam às professoras. Esta é a prática mais comum de retorno que a escola recebe, mas há casos que nenhum retorno é proporcionado.

Para as educadoras, é necessário que haja uma visão clara da percepção que os profissionais da educação têm em relação às dificuldades que enfrentam, que as mesmas necessitam de ajuda (interna e externa ao âmbito escolar) para resolver as questões que se apresentam, especialmente as de ordem comportamental e que há uma insatisfação em relação às famílias, que segundo elas, não apresentam o comprometimento necessário na educação dos filhos.

Verifica-se também que, em relação às queixas escolares, as professoras entrevistadas não destacam a importância do seu papel mediador no ato pedagógico. Para Leonardo e Silva (2009, p. 8):

a tarefa do processo educativo seria direcionar o desenvolvimento psíquico do indivíduo até que consiga realizar ações intelectuais de forma independente, ou seja, tenha atingido o nível de desenvolvimento efetivo. Neste processo o professor é o mediador dos conteúdos científicos e intervêm, principalmente, na formação dos processos psicológicos superiores. Somente por meio desta relação de mediação do sujeito com o mundo é que a escola cumpre sua função de transmissão-assimilação dos conhecimentos produzidos pela humanidade.

4.2 Percepção dos gestores diante das demandas da instituição escolar

Os gestores entrevistados têm ampla experiência no magistério, de 22 a 50 anos de atuação na educação, cuja faixa etária está entre 47 e 77 anos. São educadores experientes, com formação superior, com pós-graduação e engajados na causa educacional. A entrevista se deu em conjunto a pedido dos gestores e percebeu-se que não há divergências significativas na discussão e análise dos principais tópicos da entrevista.

Questionados sobre quais as principais dificuldades que percebem no dia-a-dia da escola, constata-se que os mesmos também relatam as dificuldades apresentadas pelas educadoras entrevistadas, ou seja:

- dificuldades de aprendizagem;
- problemas comportamentais;
- relações familiares.

Todavia, como gestores, apresentam também outros problemas mais institucionais como:

Como a maioria absoluta dos alunos da Educação Infantil e do 1º ao 6º ano frequentam o turno integral, a quase a totalidade (96%) fica 12 horas na escola o que implica que, além das aulas normais para desenvolvimento dos conteúdos, é preciso proporcionar inúmeras atividades diversificadas ao longo do dia o que demanda em muitos recursos humanos, necessidade de muito espaço físico, alimentação 5 vezes ao dia, grande trânsito de pessoas na escola ao longo do dia, organização curricular diferenciada, acompanhamento direto dos alunos por longo tempo, estabelecimento de rotinas e organizações de acordo com os níveis e faixas etárias outros aspectos institucionais. (DIRETOR DA INSTITUIÇÃO).

A orientadora educacional destaca uma outra situação que por vezes constitui-se em problema na esfera escolar, diretamente ligada ao tempo excessivo que várias crianças permanecem na escola e conseqüentemente o pouco tempo de convívio com a família. Segundo ela:

Há crianças que ficam tempo demasiado na escola, sentem falta dos pais, cansam da rotina escolar e como a escola não fecha no período de férias é comum crianças frequentarem a escola 12 meses ao ano, tendo pouco convívio familiar o que geralmente causa algum tipo de problema na escola. (ORIENTADORA EDUCACIONAL).

Por sua vez, a supervisora escolar preocupa-se com a carga horária dos professores que atuam na escola ou em mais instituições e com o desgaste físico e emocional que pode acarretar:

Outro problema é em relação à carga horária dos professores que atuam na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental que trabalham, em média, 10 a 11 horas diárias diretamente com as crianças, permanecendo com elas inclusive durante o almoço que é servido na escola. Esta situação cria um desgaste físico e emocional bastante grande que por vezes reflete no ato pedagógico do professor, pois há pouco tempo para planejar, estudar... (SUPERVISORA ESCOLAR).

É muito importante ficar atento ao desgaste do professor e seu sentimento de desvalorização enquanto profissional. Nesta linha, Souza (2006, p. 237) afirma que:

A manutenção de uma prática hierarquizada de implementação de propostas pedagógicas tem gerado inúmeras formas de resistências, de questionamento, de descontentamento e de descompromisso do professor com seu trabalho. É frequente os professores dizerem que se sentem desvalorizados em seu saber, desqualificados em sua prática, sobrecarregados com tantas tarefas além daquelas previstas para a atuação docente.

Os gestores também afirmam que são necessárias mais reuniões pedagógicas, pois há apenas uma mensal de duas horas nas quais há muitos assuntos administrativos para serem resolvidos, o que prejudica análise e reflexão do ato educativo. Citam também a necessidade de carga horária maior para supervisão e orientação educacional, ambas apenas com 20 horas semanais e a demanda é muito grande, especialmente em auxiliar os professores em suas necessidades:

Os professores são bastante envolvidos com a escola, mas é comum atribuírem problemas de ordem pedagógica, metodológica às famílias, tendo dificuldade em analisar sua prática educativa, embora tenha se percebido alguns avanços neste sentido. (SUPERVISORA DA ESCOLA).

Conforme Vasconcellos (2002) a análise da prática pedagógica tem demonstrado que só serão possíveis mudanças significativas na educação brasileira, à medida que o professor tiver uma compreensão profunda da razão de ser da sua prática e uma clara opção política acerca do seu ato pedagógico.

A escola deve ser um ambiente não permissivo e tampouco autoritário, a proposta pedagógica da escola, o preparo dos professores, as relações estabelecidas serão fundamentais para minimizar a indisciplina e outros problemas no ambiente da escola, mas também é certo que cabe à família assumir sua responsabilidade na educação dos filhos, não delegando à escola tarefas que lhe são pertinentes, inclusive da aprendizagem que é fundamental para o desenvolvimento do indivíduo. Neste sentido:

(...) a aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem. Por isso, a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolvam na criança essas características humanas não-naturais, mas formadas historicamente (VYGOTSKY, 1998, p. 115)

Indagados de como a escola, através de seus gestores e educadores, procura resolver os problemas/dificuldades/conflitos existentes na escola os mesmos foram unânimes que o diálogo é a melhor forma, tanto na resolução de problemas com os educadores, como com os alunos e especialmente com as famílias. Também realizam reuniões e assembleias com alunos e famílias, mantendo um canal aberto de comunicação.

Quanto ao que a escola tem explicitado em seus documentos legais em relação a resolução destes problemas é apontado a importância do Projeto Político Pedagógico (PPP)

que foi (re)elaborado em 2015 com a participação da comunidade escolar e no qual constam as aspirações relativas à educação na instituição.

O processo de ensino e aprendizagem é a prioridade central do educandário, com ênfase na construção do conhecimento e nas interações harmoniosas entre todos os segmentos da comunidade escolar e desta com a comunidade em que está inserida. O PPP também explicita que devemos proporcionar o diálogo frequente e sistemático entre educadores e pais ou responsáveis para melhor entender e trabalhar com o aluno. O mesmo estabelece os direitos e deveres dos educadores, das famílias e dos educandos. (SUPERVISORA ESCOLAR).

Para os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, a escola tem um Laboratório de Aprendizagem que proporciona reforço pedagógico constante e quando as dificuldades não são sanadas, procura-se ajuda externa como psicopedagogo. Quanto ao convívio/normas disciplinares o regimento da escola rege:

As Normas de Convivência constituem um conjunto de orientações e ações que estabelecem limites para atitudes, condutas e comportamentos. A escola acredita que a disciplina representa a organização da vida escolar de forma a manter um clima de respeito próprio para a construção do conhecimento, buscando a participação comprometida de todos os envolvidos no processo educacional. As Normas de Convivência relacionam direitos, deveres e medidas educativas, em consonância com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), e a Legislação vigente. (REGIMENTO ESCOLAR).

Quanto aos professores solicitarem ajuda para a resolução dos problemas que surgem na sala de aula os gestores afirmam que os mesmos pedem ajuda e normalmente motivados por:

Os principais motivos são, pela ordem: conduta/indisciplina/falta de limites; dificuldades de aprendizagem; necessidade de contato com a família; preocupação com mudanças repentinas da conduta da criança ou situações de cunho emocional. (ORIENTADORA EDUCACIONAL).

As demandas dos professores são atendidas especialmente pela orientadora e supervisora escolar e sempre é dado um retorno aos mesmos sobre as providências tomadas.

A supervisora escolar destaca que o retorno é dado no sentido de contribuir para que o educador entenda melhor o que está se passando com o aluno, o que ele pode e/ou deve fazer em sala de aula, orientações de como trabalhar com as dificuldades de aprendizagem, encaminhamentos necessários, o que se conseguiu com a família entre outros. Também é importante refletir sobre a prática pedagógica, a metodologia e as estratégias utilizadas em sala de aula.

Para Vasconcellos (1992) para que ação educativa seja mais eficaz e significativa faz-se necessário conhecer a realidade do grupo a fim de verificar suas redes de relações e suas necessidades no sentido de que haja mobilização para aprender, partindo da realidade e da prática social em que o trabalho educativo está inserido. Segundo o autor é preciso ter clareza dos objetivos e buscar as mediações apropriadas, estabelecendo uma prática pedagógica para o grupo que realmente atenda as necessidades. Percebe-se pelas falas dos gestores que nem todos os educadores da escola conseguem, no dia a dia, ter a visão pedagógica e metodológica que favorece esta rede de relações e aprendizagem.

Perguntados se tem a percepção, enquanto gestor, de que os professores se esforçam para dar conta da demanda antes de encaminhar o aluno aos gestores os entrevistados afirmam perceber um esforço por parte da maioria dos professores neste sentido, uns mais outros menos, mas reconhecem que por vezes o professor está cansado, com pouca paciência e delegam aos gestores a resolução de conflitos surgidos em sala de aula. A orientadora educacional destaca que há educadores que tem preocupação genuína com os alunos, buscam solucionar os problemas, mas nem sempre conseguem resolver os problemas, especialmente os de ordem emocional mais sérios; enquanto outros se intimidam um pouco em tratar assuntos mais relevantes com as famílias. O diretor salienta que àqueles com pouca experiência profissional sentem-se inseguros mediante determinadas situações que surgem na sala de aula e por isso logo encaminham aos gestores da escola.

Quanto à existência de formação continuada aos educadores no sentido de prepará-los no enfrentamento dos problemas do cotidiano escolar, os gestores afirmam que a escola reconhece proporcionar pouca formação aos educadores. São poucos momentos para reflexão do ato pedagógico, de análise de estratégias de resolução de conflitos. Os gestores têm consciência da importância da formação continuada, pois:

o aperfeiçoamento dos professores tem finalidades individuais óbvias, mas também tem utilidade social. A formação contínua tem como finalidade última o aperfeiçoamento pessoal e social de cada professor, numa perspectiva de educação permanente. Mas tal aperfeiçoamento tem um efeito positivo no sistema escolar se se traduzir na melhoria da qualidade da educação oferecida às crianças. É este efeito positivo que explica as preocupações recentes do mundo ocidental com a formação contínua de professores. (FORMOSINHO, 1991, p. 238).

A escola motiva para que os educadores participem de cursos, congressos, inclusive paga a inscrição dos mesmos no Fórum Nacional e Internacional de Educação que acontece anualmente no município, promovido pela Secretaria Municipal de Educação, mas fora este são poucos os eventos de formação continuada em que há participação dos professores fora da

escola. Um fator positivo apresentado pelos gestores é o grande número de professores pós-graduados e outros que o estão realizando dentro da área educacional.

Indagados se a escola realiza encaminhamento de alunos ao atendimento psicológico a resposta é afirmativa. A escola realiza encaminhamentos de alunos a diversos profissionais especializados com neurologista, psicopedagogo, fonoaudiólogo, mas sem dúvida o maior número dos encaminhamentos é para atendimento com psicólogo.

Os principais motivos para o encaminhamento são de “ordem comportamental como agressividade, dificuldade de socialização, isolamento e também quando professores e escola percebem que o aluno está em sofrimento emocional”. (supervisora escolar).

Para Machado (1997) a compreensão atual é a de que a queixa escolar é construída na rede de relações do aluno – escola, família, grupo social -, e que ali deve ser compreendida e enfrentada.

O município em que a escola está inserida possui um centro de atendimento multidisciplinar gratuito para alunos das escolas públicas e como a escola em questão é privada sempre que os alunos necessitam de alguma forma de atendimento a família precisa arcar com as despesas decorrentes. Assim, jamais a escola impõe, ela dialoga e tenta convencer a família da necessidade do atendimento com profissional da psicologia. Quando a família não quer ou não tem condições financeiras, a escola acata a decisão e procura fazer o melhor pelo aluno como é destacado pelos gestores:

Há vários alunos que a escola/professores considera que necessitam de atendimento psicológico, mas a família se nega e o mesmo não acontece. Quando não temos o aval da família, procuramos ajudar o aluno e sua família de diversas formas, realizando vários encontros, orientando, acompanhando de perto o aluno, acreditando sempre no seu potencial. Normalmente, a orientação educacional e a supervisão escolar fazem este trabalho e atua em conjunto com a professora do aluno, especialmente no sentido de orientar e assessorar nas dificuldades constatadas. (GESTORES DA ESCOLA).

De acordo com Souza (1997), o psicólogo acaba sendo um dos profissionais que mais recebe encaminhamentos de crianças com queixa escolar, o que demonstra o quanto ainda se atribui apenas ao aluno ou sua família a responsabilidade pelo fracasso escolar, não havendo um olhar mais reflexivo sobre o papel da escola e de seus educadores, as práticas pedagógicas vivenciadas na sala de aula como insuficientes para dar conta dos problemas recorrentes..

Perguntados se a escola acredita esgotar todas as possibilidades de resolver os problemas antes de encaminhar a atendimento especializado os gestores afirmam que esgotar todas as possibilidades não é possível, pois, conforme a orientadora educacional “há

limitações próprias de formação, de tempo, de complexidade, mas há sempre várias tentativas no sentido de resolver os problemas e quando não consegue dar conta, procede-se o encaminhamento”.

Em relação à existência de parceria com psicólogo(s) para atendimento de seus alunos, a escola tem uma parceria informal com uma psicóloga que oferece um desconto de 30% aos mesmos, mas a escola dá total liberdade aos pais na escolha do profissional que fará o atendimento psicológico.

Questionados se a escola recebe retorno/orientações por parte do psicólogo em relação aos alunos atendidos, os gestores afirmam que quando o atendimento é feito pela psicóloga com a qual se tem esta parceria informal, o retorno sempre acontece e de forma muito boa.

Sempre há um retorno, inclusive ela procura a escola espontaneamente para conversar com a supervisão escolar e a orientação educacional (normalmente uma vez por mês) e sempre que sentimos necessidade de conversar sobre um aluno basta ligar que ela vem até à escola. Suas orientações são muito seguras, claras e objetivas, auxiliando bastante na compreensão do que está acontecendo e de como devemos proceder. (GESTORES DA ESCOLA).

Destacam ainda que nem sempre a psicóloga conversa diretamente com o professor do aluno, que aponte necessária é feita principalmente pela supervisão e orientação educacional. Em relação a outros psicólogos que atendem alunos da escola não conseguem este retorno, mesmo quando solicitado, então é a família que repassa algumas informações.

4.3 Encaminhamentos de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental a atendimento psicológico

A Escola, objeto deste estudo, realiza encaminhamento a psicólogos e outros profissionais especializados através de uma ficha de encaminhamento em que constam os dados de:

1. Identificação do aluno (nome, telefone, para contato, escola, ano, professor, tipo de atendimento)
2. Histórico Familiar
3. Histórico Escolar (relato de todos os procedimentos já realizados pela escola)
4. Postura em relação aos:
 - a) Colegas

b) Professores

5. Descrição do envolvimento do aluno nas atividades desenvolvidas em sala de aula e extra-classe
6. Motivo do encaminhamento

O encaminhamento se dá a partir de solicitação interna dos professores aos gestores da escola (constituído de um diretor pedagógico, uma orientadora educacional, uma supervisora educacional e uma coordenadora de etapa de ensino – Educação Infantil) dos alunos que preocupam os professores em função de conduta, dificuldade de aprendizagem, dificuldade em relacionar-se, insegurança entre outros motivos. Os gestores, especialmente o serviço de orientação educacional e supervisão escolar observam e conversam com o aluno em diversas oportunidades, a presença da família é solicitada mais de uma vez, atuam junto aos professores e quando não há uma melhora das questões que originam a preocupação, realiza-se o encaminhamento sempre em consonância com a família.

Como se trata de uma escola da rede privada, a mesma não pode encaminhar seus alunos para atendimento no CIES – Centro Integrado de Educação e Saúde – serviço prestado pelo município aos alunos de escolas públicas e que reúne diversos tipos de profissionais, inclusive psicólogos. Por não receber este serviço pelo órgão público, a família precisa arcar com as despesas de atendimento. Desta forma, é necessário que os pais tenham condições financeiras o que faz com que vários alunos que a escola julga importante ter atendimento com psicólogo não o tem em função das famílias não disporem de recursos e em alguns casos a família rejeita a ideia do atendimento por julgar desnecessário ou ter outras prioridades.

A escola deixa liberdade à família na escolha do profissional de psicologia, mas tem um “acordo informal” com uma psicóloga que atende os alunos da escola oferecendo 30% de desconto, mas fica a critério da família esta opção.

Ao analisar os encaminhamentos de crianças dos anos iniciais pela escola para o psicólogo, no ano de 2015 percebe-se quais os problemas que originaram os mesmos e estes estão em sintonia com as preocupações levantadas junto às educadoras e gestores. Abaixo, alguns fragmentos de encaminhamentos realizados, destacando-se que os mesmos são preenchidos pela orientadora educacional e em conjunto com a professora da turma.

- 1) “...o aluno se desentende quase que diariamente com seus colegas da turma e com alunos de outras turmas, falta com respeito, pronuncia palavrões inadequados e agride os colegas com facilidade. Desrespeita seus professores, funcionários e

professores de outras turmas, não segue as regras da turma e da escola,... a escola já adotou medidas como a suspensão das atividades escolares por mais de uma vez..”

- 2) “... é filho único, faz uso de medicação controlada, no relato da mãe é uma criança de comportamento difícil, tendo muita dificuldade em cumprir ordens e respeitar limites, inclusive sendo difícil até tomar a medicação e fazer sua higiene. Veio transferido para nossa escola há pouco tempo com muita dificuldade comportamental, tendo resistência em ficar em sala de aula, manter-se sentado com os demais, em certo momento sendo até agressivo e usando palavrões, não consegue fazer amizade, no pátio durante o recreio, fica andando sozinho, fazendo reclamações por estar sozinho...”
- 3) “... O aluno não adquiriu os conceitos, está em fase de aprendizado, não consegue memorizar o alfabeto e números. Às vezes não distingue números e letras, e se reconhece em seguida esquece. Tem capacidade de aprender, mas “qualquer coisa” lhe atrapalha. A professora passou a usar medidas diferenciadas, no sentido de dar a ele oportunidade de se desenvolver melhor. Quanto ao comportamento geral, apresenta problemas de atenção e concentração...”
- 4) “... é um aluno inteligente, educado e respeitoso. Sua aprendizagem é muito boa, é caprichoso e responsável com as tarefas. Segundo a sua mãe, a preocupação é em relação às reações de ordem nervosa que as vezes apresenta em casa, que talvez, disse ela, possa ser devido a medicação que ele toma por conta da convulsão. O menino demonstra muito carinho pelo pai, e o sonho dele é que o mesmo o acompanhasse à escola...”
- 5) “... O motivo da consulta não está ligado à área pedagógica e sim com relação ao emocional. A preocupação dos pais se refere a não aceitação do menino em usar o banheiro para fazer suas necessidades fisiológicas (cocô), pedindo para colocar fraldas, sendo que o menino já tem seis anos. Na escola ele só vai ao banheiro fazer xixi, a mãe desconfia que possa haver uma ligação com um xingamento feito por uma funcionária de outra escola que lhe fez ficar no banheiro e fechou a porta ao sair...”
- 6) “... o motivo do encaminhamento é o xixi, que não consegue controlar, sendo que a menina tem sete anos. Isso aconteceu durante a aula, no pátio enquanto brinca. Inclusive à noite é necessário o uso de fralda. Já a levaram à consulta médica e os exames não acusaram qualquer coisa que pudesse ser de ordem renal. Julgamos ser de ordem emocional, por isso o encaminhamento...”

- 7) “... o pai nos relatou que toma medicação por conta de uma depressão. É responsável, dedicada. Porém muito nervosa, sempre que precisa dar conta de tarefas como provas ou trabalhos avaliativos. Sua preocupação e insegurança nos deixa apreensivos, pois isto está prejudicando sua aprendizagem...”
- 8) “... tem certa dificuldade de relacionamentos (chuta, empurra, dá tapas). Logo afirma que faz sem querer e pede desculpas, mas torna a fazer no momento seguinte. É um tanto ansioso, preocupando-se com questões futuras (rotina escolar, atividades) e também com o bem estar da mãe e do pai (onde estão? como estão?). Em muitos momentos do dia pede avaliação da professora sobre seu comportamento...”
- 9) “... a aluna foi atendida várias vezes pela orientadora e professora. Os pais também foram atendidos para um maior esclarecimento da situação, tentando encontrar saídas para o problema do choro constante cada vez com mais intensidade. Mesmo sem motivos aparentes afirma não querer ficar na escola. Nota-se que está afetando seu emocional, sua socialização está sendo prejudicada, nega-se a brincar com os colegas, ultimamente está se tornando uma criança triste e insegura...”
- 10) “... ele não cumpre regras, não acata o que lhe foi proposto, mostrando-se muitas vezes agressivo com os colegas e com as professoras. Algumas vezes chegou a agredir-se com sacos na própria cabeça, demonstrando certa raiva. Quanto à socialização tem muita dificuldade, não gosta de dividir seus brinquedos, também demonstra-se arredo nas brincadeiras e nas atividades em grupo. Reage de forma agressiva quando é contrariado, atira-se no chão, grita, arremessando o que tiver na mão...”
- 11) “... Desde o início do ano a aluna apresenta dificuldades como: seleciona uma colega para sentar na sala de aula, com absoluta exclusividade. Caso não seja atendida briga, agride, chora, recusando relacionar-se com outros colegas, não permitindo que a colega escolhida brinque com outras amiguinhas. Sempre que a professora solicita a realização de uma atividade ou pede uma atividade diferente em aula, ela não aceita, o “não” para ela não existe, suas vontades precisam prevalecer sempre...”
- 12) “... tem uma irmãzinha menor, a mãe relatou que ele era uma criança amorosa, tranquila até o nascimento da irmã. A partir da chegada da irmã o aluno tornou-se uma criança fechada, calada, mal humorada, se irritando com facilidade. Não

conversa com os pais, chegando a ser agressivo em certos momentos. Na escola não apresenta problemas de relacionamento e sim de aprendizagem...”

- 13) “... é órfão de pai que faleceu em um acidente de trânsito, após ficar dois anos em coma. O aluno de vez em quando chora com saudade do pai. Mora com a mãe e irmã. Sempre que o aluno demonstra tristeza a professora procura atendê-lo de forma individual e carinhosa. Também é encaminhado ao SOE da escola, onde muitas vezes desabafa, relatando o sofrimento do pai durante a enfermidade...”

Ao analisar todos os encaminhamentos produzidos pela escola é possível perceber que os motivos da escola para solicitar atendimento psicológico são diversos:

- dificuldades de aprendizagem;
- problemas atitudinais/indisciplina;
- dificuldade de controle dos esfínteres;
- ansiedade;
- dificuldade em socializar-se;
- insegurança e medo de ficar longe dos pais,
- baixa tolerância à frustração;
- nascimento de irmão;
- perda de ente querido;
- uso de medicação.

É muito importante ressaltar que a coordenação sempre aciona a família do aluno para esclarecer o comportamento disfuncional da criança. Comportamento este que normalmente se reproduz também em casa e quando a queixa parte dos pais sempre tinha algum reflexo na escola, como agressividade e dificuldade na aprendizagem. Quando a criança apresenta algum transtorno psicológico este irá se manifestar em todos os ambientes que ela frequenta, sendo fundamental essa interação família- escola para que se entenda melhor essas modificações no aluno.

Machado (2004, p. 98) afirma ser fundamental a criação de um vínculo com a criança já que “os assuntos sobre a escola, o aprendizado, o encaminhamento são temas que só podem ser abordados em uma relação de confiança e cumplicidade com as crianças”.

E frente a tantos encaminhamentos com queixa não só em relação ao aprendizado, mas,

na grande maioria relacionada com o comportamento da criança, é necessário estar muito atento para saber analisar o que se caracteriza como indisciplina e o que pode ser sim um transtorno de comportamento. Para isso é necessário termos claro o que é esse transtorno e também como atender essas crianças, visto que quando se confirma que não se trata de indisciplina e falta de regras e limites, é necessário começar um tratamento com a criança e também com a família trabalhando com o foco no transtorno de comportamento.

Para Keiko, Marturano, Elias (2005, p. 113):

a busca de ajuda psicológica adquire um significado mais amplo, que transcende a queixa escolar. É possível que algumas famílias tenham expectativas de receber apoio para lidar com os problemas relacionais, provavelmente intensificados com a dificuldade acadêmica; e o prognóstico de crianças que agregam dificuldades pessoais nos relacionamentos a um padrão adverso de cuidados parentais justifica amplamente a ajuda psicológica nesses casos.

A escola, sendo um espaço formal da construção do conhecimento, tem compromisso com a aprendizagem e uma das queixas escolares frequentes tem relação com a dificuldade que vários alunos apresentam ao longo deste processo.

Segundo Fonseca (1995) a maioria das dificuldades de aprendizagem –DA, estão ligadas aos fatores orgânicos, culturais e sociais. O autor define dificuldade de aprendizagem como:

Dificuldades de Aprendizagem (DA) é um termo geral que se refere a um grupo heterogêneo de desordens manifestadas por dificuldades significativas na aquisição e utilização da compreensão auditiva, da fala, da leitura, da escrita e do raciocínio matemático. Tais desordens, consideradas intrínsecas ao indivíduo, presumindo-se que sejam devidas a uma disfunção do sistema nervoso central, podem ocorrer durante toda a vida. Problemas na autorregulação do comportamento, na percepção social e na interação social podem existir com as DA. Apesar das DA ocorrerem com outras deficiências (por exemplo, deficiência sensorial, deficiência mental, distúrbios sócio-emocionais) ou com influências extrínsecas (por exemplo, diferenças culturais, insuficiente ou inapropriada instrução, etc.), elas não são o resultado dessas condições. (FONSECA, 1995, p.71)

Ainda:

Os transtornos de aprendizagem compreendem uma inabilidade específica, como de leitura, escrita ou matemática, em indivíduos que apresentam resultados significativamente abaixo do esperado para seu nível de desenvolvimento, escolaridade e capacidade intelectual. (ROTTA, OHLWEILER e RIESGO, 2006, p.127)

Segundo Correia, Martins (2005, p. 07-08):

Uma criança pode ser identificada como inapta para a aprendizagem se : 1. não alcançar resultados proporcionais aos seus níveis de idade e capacidades numa ou mais de sete áreas específicas quando lhe são proporcionadas experiências de aprendizagem adequadas a esses mesmos níveis; 2. apresentar uma discrepância significativa entre a sua realização escolar e capacidade intelectual numa ou mais das seguintes áreas: a) expressão oral; b) compreensão auditiva; c) expressão escrita; d) capacidade básica de leitura; e) compreensão da leitura; f) Cálculos matemáticos; e g) raciocínio matemático.

Para Ciasca (2003, p.27) “a aprendizagem é um processo complexo e evolutivo, constante que implica numa sequência de modificações observáveis e reais no comportamento do indivíduo físico e biológico e no meio que o rodeia.” Para a autora quanto maior for a interação entre educador e educando maior a possibilidade de perceber as dificuldades e os avanços no processo de aprendizagem do aluno.

Para Coelho (1990, p.9) os educadores ou especialistas em educação precisam compreender os princípios do processo de aprendizagem, pois a partir do momento em que passa a compreendê-los e adquire a prática de aplicar esses princípios em uma situação representativa, torna-se possível tratar e resolver os problemas de aprendizagem sem tabus e sem traumas.

Para Rotta, Ohlweiler e Riesgo também é necessário considerar as questões de funcionamento do cérebro, pois conforme os autores “o conhecimento da transmissão sináptica é a chave para compreender a base neural do aprendizado da memória.” (ROTTA, OHLWEILER E RIESGO, 2006, p.50)

Nesse sentido, proporcionar aos educadores a compreensão de como o cérebro trabalha possibilita condições mais adequadas para que ele estimule a motivação em sala de aula e, de certa forma, assegura a possibilidade de sintonia com os diversos tipos de alunos, os quais terão suas capacidades mais profundamente exploradas (CARVALHO, 2011).

Outro problema que motiva encaminhamento à atendimento psicológico na escola objeto desta pesquisa são as dificuldades de socialização dos alunos.

Segundo Palacios (1995) A socialização ocorre através de três processos: os processos mentais de socialização, os processos afetivos de socialização e os processos condutuais de socialização. Para o autor:

Os processos mentais de socialização correspondem ao conhecimento de valores, normas, costumes, pessoas, instituições, bem como aprendizagem da linguagem e a aquisição de conhecimentos transmitidos através da escola. Os processos afetivos de socialização são uma das bases mais sólidas do desenvolvimento social da criança

sendo a empatia (experiência vicária do estado emocional do outro), o apego (vínculo afetivo com as pessoas que cuidam dela) e a amizade, não só uma forma de união ao grupo, mas também mediadores de todo o desenvolvimento social. Por fim os processos condutuais de socialização envolvem a aquisição de condutas consideradas socialmente desejáveis, evitando aquelas que são julgadas como anti-sociais. (PALACIOS, 1995, p.146)

Segundo FERREIRA E OLIVEIRA (2005,34): “A relação do sujeito consigo mesmo é mediada pela construção da identidade”. Dessa forma o indivíduo começa a refletir quem é ela, de acordo com o mundo e a época em que vive. Através da observação e interação com o outro, ela se descobre, construindo sua própria identidade de acordo com os princípios por ela internalizados.

A socialização, portanto, compreende a relação dos sujeitos com o outro e com o mundo, mediada pela cultura, pelo meio que favorece a construção da identidade e da personalidade do ser humano. É através da convivência social que se aprende a ser único.

Para Jean Dumas (2011, p. 16):

Todo grupo social – de uma família à sociedade – tem regras de conduta que estipulam, direta ou indiretamente, como cada um de seus membros deve se comportar. Um desafio importante da infância e da adolescência é assimilar essas regras e aprender a se conformar a elas. O comportamento de uma criança e de um adolescente é, em geral, considerado como anormal, de um lado, quando eles ignoram ou infringem regularmente as regras e as expectativas de seu meio; de outro lado, quando esse comportamento limita de maneira significativa seu desenvolvimento, por exemplo, perturbando suas relações familiares e sociais, dificultando seu êxito escolar ou impedindo -os de adquirir um nível crescente de autonomia pessoal.

Pelas fichas de encaminhamento a atendimento psicológico emitidas pela escola percebe-se uma gama variada de situações de contexto escolar, familiar e social, bastante semelhante ao que Dumas (2011, p. 36) sintetiza:

Durante a infância e a adolescência, as dificuldades apontadas com mais frequência são: os problemas familiares: por exemplo, superproteção e/ou disciplina parental inadequada; conflito conjugal, divórcio, mudança e/ou novo casamento o de um dos pais; negligência e/ou maus -tratos psíquicos, emocionais ou sexuais; falecimento e/ou problemas de saúde na família; precariedade e/ ou problemas de moradia; os problemas sociais: por exemplo, rejeição social por parte dos colegas; pertencimento a uma gangue; racismo, discriminação e/ou problemas ligados à imigração; falecimento ou perda de um amigo; os problemas escolares: por exemplo, ambiente escolar inadequado; conflitos com os colegas de classe e/ou com os professores; os problemas jurídicos: por exemplo, detenção, prisão, denúncia penal, vitimização. (DUMAS, 2011, p.36)

4.4 Postura do professor e aluno: um olhar externo a partir das observações

Após as entrevistas com as educadoras, com os gestores e a análise documental realizou-se a última etapa do processo de coleta de dados que consiste na observação in loco de três crianças que estão em atendimento psicológico. As observações aconteceram ao longo de 20 horas, em diversos espaços da escola como sala de aula, pátio, salas de oficinas e refeitório.

As crianças observadas serão identificadas como Y, M e G.

Y tem sete anos, é do sexo feminino e está no segundo ano. Frequenta esta escola desde abril o ano passado, quando apresentava problemas de saúde, sendo acompanhada pela mãe nas primeiras semanas. Conforme relato da professora e gestores, desde o início Y apresentou sérias dificuldades no seu processo de alfabetização e como não há retenção do 1º para o 2º ano, Y foi promovida para o ano seguinte, mas, mesmo com reforço pedagógico duas vezes por semana, ela continua apresentando graves dificuldades de aprendizagem.

No segundo semestre do ano passado, os pais de Y se separaram, a mãe iniciou um novo relacionamento logo a seguir e desde então a menina tem ficado bastante tempo com os avós maternos. Reiteradamente afirma estar com saudade da mãe que, segundo Y “trabalha e namora muito”. O pai procura ser presente e praticamente é ele que traz e busca Y na escola, tenta realizar atividades escolares com ela, mas afirma que percebe que ela não consegue realizá-las. Num dos dias de observação, Y afirmou categoricamente que a mãe vai tirá-la da escola, porque “a mãe disse que esta escola não está me ensinando nada, que eu já tinha que saber ler e escrever e a professora não me ensina”. Y demonstrou estar confusa em relação a esta fala da mãe e quando a professora perguntou se ela queria ir para outra escola, Y deu um suspiro, abriu as mãos e disse que não, que gostava da professora, dos colegas, mas se “a mãe quer eu vou ter que ir”.

Com certeza esta situação está deixando Y bastante perturbada e não reflete uma boa relação entre a escola e a família de Y e provavelmente a família não está convicta das dificuldades reais de aprendizagem de Y. Neste sentido:

Se a parceria entre família e escola for formada desde os primeiros passos da criança, todos terão muito a lucrar. A criança que estiver bem vai melhorar e aquela que tiver problemas receberá a ajuda tanto da escola quanto dos pais para superá-los. Quando a escola, o pai e a mãe falam a mesma língua e têm valores semelhantes, a criança aprende sem grandes conflitos [...]. (TIBA, 2002, p. 184).

Y não acompanha em nenhum momento os demais alunos da turma, está sempre muito atrasada na execução das tarefas, consegue realizar muito pouco das atividades propostas, embora a professora proporcione atividades, por vezes, diferentes do restante da turma. Ainda não reconhece o alfabeto, inclusive não consegue identificar as letras de seu próprio nome, embora, tanto na sala de aula como no reforço pedagógico, inúmeras e diversificadas atividades são-lhe proporcionadas no sentido de reconhecê-las. Conforme Ferreiro e Teberosky (1986), para construir a escrita o indivíduo passa por níveis que são chamados de pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético. Y não se encontra-se nem no primeiro nível, ou seja, ela ainda não faz uso de letra, não estabelece a quantidade mínima ou máxima de letras para uma palavra, sem diferenciação de uma palavra para outra.

Não identifica os números e não consegue quantificar. Segundo a professora e os gestores, foi solicitada uma avaliação neurológica e, embora a família tenha concordado, tem se mostrado resistente e ainda não a providenciou. Ela estava tendo atendimentos com a psicopedagoga, porém a família não vê necessidade para continuar o atendimento.

Os seus desenhos são sempre sem uma forma muito definida, não sendo possível reconhecer o que ela quis desenhar. Quando solicitada para desenhar a si mesma, Y faz as pernas em um canto os braços em outro e a cabeça do lado. Outro fato importante é que os desenhos são todos pretos, com riscos bem fortes ocupando quase a folha toda.

No pátio, durante os recreios, Y brinca com desenvoltura, tanto com meninos como com meninas, sabe partilhar os brinquedos, não propõe brincadeiras, mas participa ativa e alegremente das sugeridas pelos colegas. Dificilmente procura a professora para fazer queixas dos colegas.

Nas oficinas que a escola oferece como Inglês, contação de história, ciências Y participa, mas apresenta dificuldades de compreensão e nas oficinas de brinquedoteca, recreação, educação física ela participa bem, enquanto não quer participar do judô e balé.

A segunda aluna observada é M de oito anos, que está repetindo o segundo ano. M mora com os pais e um irmão de 17 anos, na região central do município. Frequenta a escola desde o 1º ano, em 2014. É uma aluna calma, tímida, respeita a todos, tem atitudes adequadas, mas fala muito pouco, quase não pergunta nada, a professora precisa sempre estar atenta para perceber suas dificuldades e necessidades, pois não as expressa.

No entender de Lopez acerca da participação,

Faz-se necessário que professores e família estejam convencidos de que a participação, diferenciada conforme o papel que cabe a cada setor da comunidade educacional, constitui ao mesmo tempo uma manifestação de democracia social e

uma garantia de qualidade. Por certo, não se pode confundir a participação com a qualidade em si da educação escolar, porque a qualidade se refere aos resultados educacionais alcançados pela escola, enquanto a participação é apenas um meio. Contudo, trata-se de um meio fundamental, porque a educação não depende de si mesma, mas em grande parte do papel que desempenha a família dentro e fora da escola. Como se da com outras habilidades humanas, é participando que se aprende a participar. (LOPEZ, 2000, p. 89)

M foi encaminhada ano passado para atendimento psicológico, pois tinha muita dificuldade de aprendizagem e também porque não controlava os esfíncteres. A professora, a mesma do ano passado, relata que várias vezes M estava sentada realizando suas atividades e de repente fazia xixi nas calças e não percebia o fato ou assim pelo menos o afirmava quando questionada a respeito. Embora fato recorrente no ano passado, a professora afirma que esse ano não aconteceu nenhuma vez.

M ainda está apresentando dificuldade na aprendizagem, mas também está muito melhor que ano passado, ela vem conseguindo muitos progressos. Frequenta a sala de reforço pedagógico duas vezes por semana, tendo atendimento individualizado e na sala de aula, com apenas 11 alunos, também é possível a professora acompanhar as atividades de M bem de perto.

As maiores dificuldades de M estão na área da linguagem, especialmente na escrita, tendo muita dificuldade de produzir pequenos textos, compreender os enunciados. De acordo com Zacharias (2004, p. 78):

O sistema de escrita funciona segundo um princípio alfabético: a quantidade de letras de uma palavra corresponde, a grosso modo, ao número de sons que compõem a palavra. Entender o princípio alfabético não é o mesmo que conhecer os sons das letras. Uma criança pode saber 18 que o símbolo escrito “E” corresponde ao som [e], que o símbolo “L” corresponde o som [l], mas, mesmo assim, ela pode não ter compreendido o mecanismo que permite formar uma palavra escrita.

Na área da Matemática está tendo os maiores progressos, está conseguindo quantificar, realizar cálculos de adição e subtração mais simples, embora ainda encontre dificuldades nas histórias matemáticas, não conseguindo interpretá-los adequadamente. Com a ajuda da professora consegue compreender e então resolve bem os cálculos necessários para a resolução das mesmas.

No recreio, não brinca muito, prefere atividades mais calmas, por vezes fica sentada nos bancos sob as árvores, mas tem amigos, normalmente não fica isolada, mas frequentemente fica observando os colegas. Embora não demonstre problemas maiores de socialização, M apresenta-se várias vezes retraída e tímida.

Para Zagury (2001, p. 15):

Esse processo de socialização inicia-se no primeiro dia de vida e segue até a morte. É esse processo que leva o indivíduo social, uma entidade falante, a ter uma identidade e um estado social, a ajustar-se mais ou menos a certas regras, a buscar certos fins, a aceitar valores e agir conforme motivações e modos de fazer estáveis para que o seu comportamento seja, na maior parte do tempo, previsível para os outros indivíduos.

Como frequenta a escola em turno integral, faz as refeições na mesma e no refeitório, na hora do almoço, durante a semana de observação sempre sentou com as mesmas duas colegas, uma delas também repetente. Quase não conversa durante o almoço, quando termina leva seu prato até a bancada e espera os colegas e a professora para ir até a sala onde descansam (podem deitar em colchonetes, ou olhar TV ou ler livros e gibis), sendo que M normalmente olha um filme na TV.

Não gosta de praticar atividades físicas, não quer praticar judô que é oferecido em forma de oficina, afirma gostar muito da oficina de Ciências e contação de história. Durante a observação da oficina de Inglês foi possível perceber que apresenta dificuldades (o que foi confirmado pela professora) e não demonstrou interesse.

O terceiro aluno observado é G de seis anos que está no primeiro ano. G frequenta a escola desde os 3 anos, sempre em turno integral. Mora com a mãe e uma irmã bem mais velha.

G foi encaminhado para atendimento psicológico, pois é muito retraído, dependente e inseguro, precisando sempre de autoafirmação para realizar as atividades. Tem uma relação de dependência com sua mãe, que não se esforça nem um pouco para que ele tenha mais autonomia. A mãe não estimula G e não exerce papel de autoridade, todas as vontades lhe são atendidas e diariamente quando a mãe vai buscá-lo na escola leva-lhe um presente. Na semana de observação ela trouxe-lhe chocolates, carinho, ioiô. Segundo a orientadora educacional e a supervisora escolar da escola que já conversaram com a mãe várias vezes, G dorme com sua mãe que fica abraçada nele a noite toda, ela diz que não consegue agir diferente, que sabe que é necessário deixá-lo mais livre para que desenvolva autonomia, mas não consegue se desprender. Esta superproteção e apego exagerado da mãe e vice-versa se reflete diretamente no seu comportamento na escola, sendo uma criança muito introspectiva, sem iniciativa, sem vontade própria. A mãe por vezes, ao deixá-lo na porta da sala de aula diz para a professora que tem medo de deixá-lo sozinho, teme que acontecerá algo a ele, “ele é o mundo” . É notório o sofrimento da mãe pelo apego exagerado com G.

Lino de Macedo (1996, p. 12) relata alguns dos muitos sentimentos que permeiam tal relação.

Esta é uma relação permeada pelos mais diversos fatores: o sofrimento dos pais por afastarem seus filhos de si mesmos; os desejos de que a escola lhes ofereça o melhor, em todos os aspectos; a necessidade da garantia dos melhores cuidados para com as crianças; os ciúmes que sentem os pais ao dividirem os filhos com os professores; o medo do fracasso escolar; as projeções dos próprios fracassos compensados através dos filhos; o pouco interesse pela vida escolar dos filhos; as superexigências dos pais; as atitudes de aceitação ou não dos filhos; as questões de rejeição ou negligência; as dificuldades pessoais dos pais; o contexto sócio-econômico-histórico em que se fundamenta a família; a permissividade ou o autoritarismo; as relações de amor e hostilidade; a violência contra os filhos, ou entre familiares; as atitudes, padrões e valores morais da família; o relacionamento entre casal e filhos; doenças, separação, desemprego; os diferentes modelos de organização familiar.

No recreio, G costuma ficar caminhando pelo pátio, conversando sozinho, quase não brinca e quando o faz é somente com as meninas. Foi possível observar que, ao brincar com as meninas, estas determinam o tipo de brincadeira, os locais, os parceiros e ele acata tudo sem a mínima contestação. Quando as meninas não querem mais o G nas brincadeiras elas os excluem e ele se queixa para a professora. Duas vezes, foi observado que meninos o convidaram para brincar, mas ele sempre recusou: ou brinca com as meninas ou fica caminhando sozinho pelo amplo pátio.

G não apresenta dificuldades de aprendizagem, já reconhece todo alfabeto, escreve palavras e frases, está praticamente lendo. Na área da matemática reconhece os números até 20, quantifica corretamente. Faz as atividades propostas, mas inicialmente com muita insegurança, sempre a professora precisa repetir individualmente as ordens. Tem caderno caprichado e organizado.

Nas oficinas reproduz as mesmas características da sala de aula, embora se negue a fazer judô, jogar bola e outros esportes.

Quanto a postura das educadoras, durante as observações na escola, chamou muito a atenção o manejo que mesmas necessitam ter, pois em uma mesma sala tem alunos que fazem as atividades com total facilidade terminando as tarefas rapidamente e solicitando outra coisa para fazerem e alunos que não conseguem de forma alguma realizar a atividade, solicitando ajuda o tempo inteiro e mesmo assim não conseguindo completá-las com êxito. Observou-se que as professoras precisam ter três a quatro planejamentos diários para a mesma turma, sempre têm atividades diversificadas e além do previsto, assim como respeitam o ritmo diferenciado dos alunos.

Para Cury (2003, p.67):

Cabe a cada professor, de acordo com sua realidade escolar e familiar, desenvolver ações que venham aproximá-lo de seus alunos. É preciso humanizar a educação, o conhecimento e o próprio professor para que o mesmo se torne fascinante, inesquecível, pois conhece o funcionamento da mente, possui sensibilidade, educa a emoção, usa a memória como suporte da arte de pensar, resolve conflitos em sala de aula, esses professores brilhantes educam para a vida.

A proposta de planejamento diário da escola é: o que ensinar? Como ensinar? O que e como avaliar? E neste sentido, observa-se que é preciso bastante flexibilização em relação a alguns alunos.

As três professoras dos três alunos observados tem bastante semelhança entre si: são afetivas, mas firmes em sua autoridade na sala de aula, tem muito bom manejo das situações conflitantes em sala de aula, devolvem várias vezes para que os alunos consigam resolver os problemas, desafiam a capacidade dos alunos, respeitam as limitações, explicam várias vezes os conteúdos, têm atividades diversificadas e muita paciência. Por vezes, observa-se que recorrem à ajuda dos gestores, especialmente quando se trata de questões familiares.

Para Carvalho (2000, p.50),

Cabe ressaltar que educadores, pais e mães, precisam se propor a oferecer o melhor para as crianças e adolescentes no que concerne a educação. Faz-se necessário sonhar e buscar para eles um futuro com mais oportunidades, para que sejam felizes, tenham bons empregos e se tornem cidadãos participativos, no entanto, para que isso aconteça, eles precisam se preparar para a vida atual e futura aprendendo mais e melhor.

Pelas observações realizadas durante vinte horas, concluem-se que são boas professoras, mas como as três trabalham 11 horas diárias, ficando com os alunos inclusive durante o almoço e recreios, é comum apresentarem cansaço perto do final do segundo turno, mas mesmo assim atendem bem os pais que vem buscar os filhos na porta da sala de aula que sempre querem um retorno de como foi o dia do filho na escola. Em conversas informais com as professoras ao longo da observação, elas afirmam ter alunos que precisam muito de atendimento psicológico, mas que muitas vezes a família não aceita esta sugestão, por não ter condições financeiras ou não perceber a necessidade ou ainda por negligência.

Foi extremamente importante observar as crianças encaminhadas (e também as demais) e as professoras para compreender as demandas da sala de aula, da escola e das crianças que permanecem o dia todo na escola. Embora estivessem num ambiente acolhedor, com pessoas afetivas, sentindo-se felizes (deu para perceber que os alunos desta escola são bem felizes no

ambiente escolar) as crianças ao verem os pais ao final do dia reagem maravilhadas no reencontro com os pais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das entrevistas com educadoras e gestores, observação e análise documental realizada na escola da rede privada, foco deste estudo, é possível ter clareza acerca das queixas e motivações que originam os encaminhamentos dos alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental à atendimento psicológico. As principais queixas relacionam-se a atitudes inadequadas/indisciplina, dificuldades de aprendizagem e, especialmente, as relações que envolvem a instituição familiar; é neste conjunto de queixas que os encaminhamentos ao psicólogo são realizados.

Para os educadores e gestores da escola há grande preocupação quando o aluno não consegue aprender os conteúdos estabelecidos para aquele ano de ensino, quando não acompanha o desenvolvimento da turma, quando há prejuízos na construção do processo de aprendizagem, pois geralmente estas dificuldades geram outras situações conflitantes para a criança e para a família, bem como para os educadores. Diante das dificuldades de aprendizagem as educadoras encaminham o aluno ao laboratório de aprendizagem da escola onde é oferecido reforço pedagógico, as professoras colocam o aluno mais próximo de si oferecendo atividades diversificadas e por vezes diferentes do restante da turma. Ao mesmo tempo, percebe-se que várias educadoras atribuem parte das dificuldades quanto ao processo de aprender no pouco envolvimento da família na vida escolar do filho. É comum chamar a família e atribuir a esta responsabilidades em relação ao desenvolvimento dos conteúdos e atividades.

Neste sentido, Collares e Moysés (1996, p.166) afirmam que a escola parece ser uma instituição que só consegue dar conta de sua tarefa primordial ensinar- se a família colaborar, ajudando os filhos em casa, reforçando o que foi ensinado na escola, sendo um tipo de monitor. Ainda para os autores, muitas vezes a escola ignora o grau de formação dos pais, se os mesmos têm condições de auxiliar, o horário de trabalho em que permanecem fora de casa, nem sempre sendo possível este auxílio nos conteúdos propriamente dito, embora os resultados sejam muito mais positivos cujos pais se envolvem e participam da vida escolar, inclusive procurando a escola, conversando com gestores e educadores.

Como afirmam Paniaguá e Palácios (2007), Oliveira (2005) a ausência dos pais na vida escolar gera influências que trarão consequências na aprendizagem. Na escola pesquisada os pais entram na escola duas vezes ao dia: ao deixar o filho com a professora repassando questões importantes a cerca da saúde, sono ou outros fatores e ao final do dia quando a professora repassa informações de como foi o dia do filho, problemas apresentados, questões

atitudinais, saúde e outros aspectos que considera importante, visto que os alunos permanecem 11 a 12 horas na escola que é de tempo integral.

Durante a observação *in loco* de alunos e professores, foi possível perceber que há alunos com bastante dificuldades de aprendizagem e que o empenho dos professores existe para minimizá-las, mas os resultados não são a curto prazo o que por vezes angustia o professor e exige dele planejamentos diversificados para atender a realidade de seus alunos.

Percebe-se uma queixa bastante vigorosa em relação às questões de indisciplina apresentados pelos alunos. Educadores e gestores apresentam como uma das maiores dificuldades na escola a questão comportamental como brigas, palavrões, desrespeito aos colegas, não atendimento de ordens, não apresentar prontidão para a execução das atividades, desinteresse, falta de atenção, brincar em aula, não escutar os educadores. A escola em questão tem como prática dialogar com os alunos várias vezes, além do professor, também os gestores que são bastante solicitados no auxílio das questões disciplinares. Quando não obtém resultados com o aluno chama a família para conversar com direção ou supervisão e orientação educacional. É comum, na porta da sala de aula a professora já repassar estes problemas aos pais quando vem buscar o filho, mas normalmente são informações e não uma conversa mais profunda.

Se as dificuldades de aprendizagem e as questões atitudinais/indisciplina preocupam os educadores, sem dúvida alguma, na escola pesquisada, a maior queixa, a maior dificuldade percebida é em relação às questões familiares. Para os educadores, os pais não colocam limites, não exercem a figura da autoridade, mimam os filhos, não participam da vida escolar, delegam à escola compromissos que são pertinentes a instituição familiar.

Para a supervisora educacional da escola é muito importante envolver a família no processo escolar, pois “quando conseguimos trazer os pais para dentro da escola podemos aproveitar para conscientizar sobre a importância da família na vida escolar e que escola e família podem contribuir para o progresso do aluno. Além disso, os pais se sentem valorizados e se tornam aliados da escola, o que não acontece quando só ouvem queixas e reclamações sobre o filho”.

É possível a escola contribuir efetivamente para que a família compreenda melhor seu filho, pois como afirma Tiba (2002, p.182) “a escola percebe facilidades, dificuldades e outras facetas na criança, que em casa não são observadas, muito menos avaliadas.”

Pela observação realizada em diversos espaços da escola e pela análise documental é possível analisar o perfil e as dificuldades apresentadas pelas crianças encaminhadas a partir das queixas das educadoras, ou seja, salvo dois casos envolvendo controle dos esfínteres,

todos os casos encaminhados e os que os educadores gostariam de encaminhar se assim fosse possível, relacionam-se às:

- dificuldades de aprendizagem, crianças que não acompanham a turma, não dominam os conteúdos específicos para o ano que estão cursando, causando muita preocupação aos professores e famílias, não realizam as atividades propostas, apresentam desinteresse pela aprendizagem, falta de atenção e concentração;
- questões comportamentais ou a chamada indisciplina escolar: crianças agressivas, desrespeitosas, que não têm tolerância à frustração, não ouvem, brigam com colegas.

Destaca-se que nos dois casos é comum atribuir à família parte ou quase toda responsabilidade da situação vivenciada pelo aluno. Os educadores não fazem referência às questões pedagógicas como metodologia, avaliação, projeto político pedagógico da escola, apenas os gestores refletem a respeito admitindo que haja pouca formação continuada oferecida pela escola no intuito de capacitar melhor os professores na resolução de conflitos ou mesmo nas relações do ato pedagógico. Ressalva-se que todos os educadores entrevistados são formados em Pedagogia e a maioria tem pós-graduação na área da educação.

É importante refletir sobre a instituição escolar quanto às dificuldades encontradas no enfrentamento dos problemas apresentados pelas crianças no contexto escolar fazendo com que procurem ajuda de profissional de Psicologia. Culpabilizar a instituição escolar ou a família não abre possibilidades concretas na resolução dos problemas constatados, até porque se percebe um interesse genuíno dos educadores e gestores em oferecer uma educação de qualidade, em atender os interesses e necessidades dos alunos. Mas, é necessário que cada vez os professores tenham mais formação continuada, que tenham condições mais propícias de trabalho – na escola em foco a carga horária dos professores é de 10 a 12 horas diárias e consecutivas com as crianças, o que gera cansaço, desgaste físico e emocional, maior valorização salarial e a escola precisa ter uma proposta pedagógica clara e que esta seja de conhecimento das famílias, precisa investir no pedagógico realizando projetos significativos que promovam aprendizagem e sucesso escolar.

De acordo com Guzzo (2001), é necessário que haja um deslocamento do paradigma da doença para o da saúde. A autora indica a necessidade de se trabalhar com a promoção de qualidades positivas, tais como satisfação, esperança, otimismo, sensibilidade, alegria, companheirismo para desta forma contribuir na construção da subjetividade. Destaca também, que essas qualidades positivas estão presentes nos alunos com bastante frequência, mas, no

entanto, os professores e psicólogos têm dado mais importância à identificação de problemas, dificuldades, distúrbios ou transtornos diversos.

Sem dúvida alguma o psicólogo deve ter, necessariamente, uma ação transformadora da realidade escolar, pois sempre que a escola encaminha um aluno, espera um retorno satisfatório que ela própria não deu conta. Desta forma, considera-se que a presente pesquisa atingiu seus objetivos propostos, sendo importante a continuidade da análise e reflexo dos dados alcançados, em outras amostras e contextos.

REFERÊNCIAS

- ABUD, M. J. M.; ROMEU, S. A. A problemática da disciplina na escola: relato de experiência. In: D'ANTOLA, Arlette (Org.). *Disciplina na escola: autoridade versus autoritarismo*. São Paulo: EPU, 1989.
- AQUINO, Julio Groppa. (Org.). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. 13. ed. São Paulo: Summus, 1996.
- BUSCAGLIA, Leo. *Os deficientes e seus pais*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- BOCK, A. M. B. A.(2001) *Psicologia Sócio- Histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia*. In: Bock, A. M. B; Gonçalves, M. G. M.; Furtado, O. (orgs). *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia*. São Paulo: Cortez, p.15-35.
- CANÇADO, Marília Batista. *Escola hoje*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação à Distância, 1996.
- CARVALHO, A. M. et al. (Org.) *Cuidado na primeira infância: a realidade encontrada em bolsões de pobreza de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, UFMG, 2000.
- CARVALHO, F. A. H. de. *Neurociências e Educação: Uma Articulação Necessária na Formação Docente*. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 8 n. 3, p. 537-550, nov.2010/fev. 2011
- CIASCA, Sylvia. *Distúrbio de Aprendizagem: proposta de avaliação interdisciplinar*. Porto Alegre: Casa do Psicólogo,2003.
- COELHO, M. T. *Problemas de Aprendizagem*. São Paulo: Ática, 1990.
- COLLARES, C. A. L.; MOYSES, M. A. A. *Preconceitos no cotidiano escolar: ensino e medicalização*. São Paulo, Cortez. Campinas: UNICAMP, Faculdade de Educação / Faculdade de Ciências Médicas, 1996.
- CORDEIRO, Jaime. *Didática*. São Paulo: Contexto, 2007.
- CORREIA, L. de M.; MARTINS, A. P. *Dificuldade de Aprendizagem: Que são? Como entendê-las?* Rio de Janeiro: Porto, 2005. (Biblioteca Digital).
- CURY, Augusto Jorge. *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- DUMAS, Jean E. *Psicopatologia da infância e adolescência*. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- FERNÁNDEZ, Alicia. *Os idiomas do aprendente*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- FERNÁNDEZ, Mariano Enguita. *Educação e Transformação Social*. Mangualde: Edições Pedagogo, 2010.

FERREIRA, Amauri Carlos, OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de. *Saber e conhecer: a formação do sujeito autônomo. Epistemologia do professor. Coleção Veredas. Guia de Estudo. Belo Horizonte. Módulo 7. Volume 2. 2005.*

FERREIRA, Isabel Neves. *Caminhos do Aprender: uma alternativa para a criança portadora de deficiência mental. Brasília: CORDE, 1993.*

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.*

FONSECA, V. *Introdução às Dificuldades de Aprendizagem. São Paulo: Artes Médicas, 1995.*

FORMOSINHO, João. *Formação contínua de professores: Realidades e perspectivas. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1991.*

FRELLER, C.C. *Crianças portadoras de queixa escolar: reflexões sobre o atendimento psicológico. In: Machado, N.M.; Souza, M.P.R. de (Orgs). Psicologia Escolar: em busca de novos rumos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 67-81.*

GADOTTI, Moacir. *Perspectivas Atuais da Educação. Porto Alegre: Artmed, 2000.*

GUIMARÃES, J. de O. (2008). *“Eles Não Estão Nem Aí!”: Impactos da Contemporaneidade Sobre o Ato de Educar. Juiz de Fora. (Dissertação de Mestrado em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora.*

GROSBAUM, Marta Wolak; DAVIS, Cláudia. *Sucesso de todos, compromisso da escola. In: VIEIRA, S. L. (Org.). Gestão da escola: desafios a enfrentar. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.*

GUZZO, R. S. L. (2001). *Saúde psicológica, sucesso escolar e eficácia da escola: desafios do novo milênio para a psicologia escolar. Em Z. A. P. Del Prette (Org.), Psicologia escolar e educacional, saúde e qualidade de vida: explorando fronteiras. (pp. 25-42). Campinas: Editora Alínea.*

KARNAL, Leandro. *Conversas com um jovem professor. 1ed. São Paulo: Contexto, 2012.*

KEIKO, M. G., et. al. *Suporte parental: um estudo sobre crianças com queixas escolares.*

KERNBERG, Paulina F.; CHAZAN, Saralea E. *Crianças com transtornos de comportamento: manual de psicoterapia. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.*

LA TAILLE, Yves de. *A indisciplina e o sentimento de vergonha. In.: AQUINO. Julio Groppa (Org.). Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.*

LANE, Silva T. M., CODO, Wanderley. *Psicologia sócia:; o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1993.*

LEONARDO, N. S. T., SILVA V. G. *Psicólogo atuando diante das queixas escolares*. IX Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional. 2009.

LOPEZ, Jaume Sarramona. *Educação na família e na escola: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2000.

LUENGO, F. C. *A vigilância punitiva: a postura dos educadores no processo de patologização e medicalização da infância*. (1 ed.) São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010

MACEDO, Lino de. *Para uma visão construtivista do erro no contexto escolar*. São Paulo: Cortz, 1996

MACHADO, A. M. *Avaliação e fracasso: a produção coletiva da queixa escolar*. In: Aquino, J. G. Erro e fracasso na escola – Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997, p. 73-90.

_____. *Relato de uma intervenção na escola pública*. In: A. M. Machado & M. P. R. Souza (Eds.), *Psicologia Escolar: Em busca de novos rumos* (pp. 89-102). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

MARTURANO, E. M. (1999). *Recursos no ambiente familiar e dificuldades de aprendizagem na escola*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15, 135-142.

MOYSÉS, M. A. <http://portal.aprendiz.uol.com.br/arquivo/2011/10/10/alunos-ou-pacientes/> acessado em 10 de abril de 2016

OLIVEIRA, Maria Izete. *A indisciplina escolar: determinações, consequências e ações*. Brasília: líber livro, 2005.

PALACIOS, Jesús, COLL, C., MARCHESI, A. *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

PANIAGUA, Gema; PALACIOS, Jesus. *Educação infantil: resposta educativa à diversidade*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PARRAT-DAYAN, Silvia. Trad. Silvia Beatriz Adoue e Augusto Juncal. *Como enfrentar a indisciplina na escola*. São Paulo: Contexto, 2008.

PAULA, Jairo de. *Inclusão – mais do que um desafio escolar, um desafio social*. 19 ed. São Paulo: Jairo de Paula Editora, 2010.

REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar dos Santos. *Transtornos da Aprendizagem: abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SANTOS, C. F.; NUNES, M. F. *A indisciplina no cotidiano escolar. Conforme Vasconcellos (202)* São Paulo: Contexto, 2006.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara*. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. *Pedagogia Histórico-Crítica*. 9ª edição. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SOUZA, M. P. R. *Psicologia escolar: em busca de novos rumos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

_____. *A queixa escolar e o predomínio de uma visão de mundo*. In: Machado, A. M.; Souza, M. P. R (orgs.). *Psicologia Escolar: em busca de novos rumos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

_____. *Políticas públicas e educação: desafios, dilemas e possibilidades*. In: VIÉGAS, L. S. e ANGELUCCI, C. B. *Políticas Públicas em Educação: uma análise a partir da Psicologia Escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

TIBA, Içami. *Quem ama educa*. São Paulo: Gente, 2002.

TORRES, Giffoni Cilião. www.sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/. Ana Cristina Paes Leme Giffoni Cilião Torres, acessado em 30 de abril de 2016.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Construção da Disciplina em Sala de Aula e na Escola*. São Paulo: Libertad, 2002.

_____. *Metodologia Dialética em Sala de Aula*. In: *Revista de Educação AEC*. Brasília: abril de 1992 (n. 83).

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *O desenvolvimento psicológico na infância*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, H. *Psicologia e educação da infância*. Lisboa: Estampa, 1975.

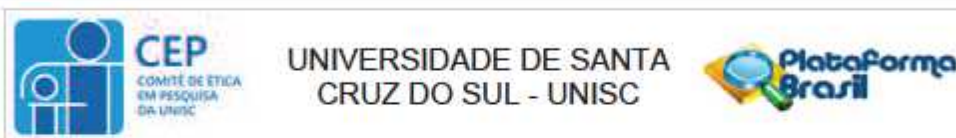
ZACHARIAS, Vera Lúcia. *A aprendizagem da leitura e escrita*. São Paulo: Martins Fonte, 2004.

ZAGURY, Tânia. *Limites sem trauma*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ZENKER, Rosiello Marcia. *A Gestão da Educação Infantil: Particularidades*. In: COLOMBO Simões Sônia e Cols. *Gestão educacional: uma nova visão*. Porto Alegre: Artemed, 2004. p. 249-261

ANEXOS

Anexo I – Parecer Consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: SÍNDROME DO ENCAMINHAMENTO: UMA ANÁLISE SOBRE AS MOTIVAÇÕES DOS ENCAMINHAMENTOS PARA ATENDIMENTO PSICOLÓGICO DE CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Pesquisador: ROSELAINÉ BERENICE FERREIRA DA SILVA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 52819315.4.0000.5343

Instituição Proponente: Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.489.384

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de conclusão de curso apresentado à disciplina de Trabalho de Curso I, do curso de Psicologia, cujo foco principal é refletir e verificar quais os principais motivos e queixas da escola que suscitam o encaminhamento psicológico de crianças que frequentam os anos iniciais da Educação Básica de uma escola particular do município de Venâncio Aires.

Objetivo da Pesquisa:

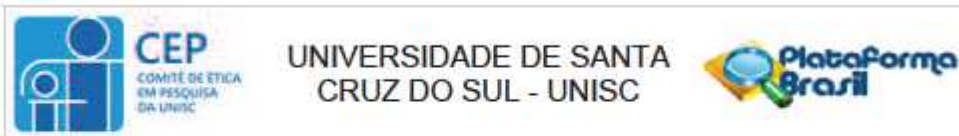
Objetivo Primário: Verificar quais os principais motivos e queixas da escola que originam o encaminhamento psicológico de crianças que frequentam os anos iniciais da Educação Básica.

Objetivo Secundário: Analisar o perfil e as dificuldades apresentadas pelas crianças encaminhadas a atendimento psicológico a partir de queixas dos educadores em relação à vida escolar; Refletir sobre a instituição escolar quanto às dificuldades encontradas no enfrentamento dos problemas apresentados pelas crianças no contexto escolar fazendo com que procurem ajuda de profissional de Psicologia para atender as demandas de educar, caracterizando ou não uma Síndrome de Encaminhamento.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Este projeto não apresentará riscos para os sujeitos.

Endereço: Av. Independência, nº 2293 -Bloco 6, sala 603
Bairro: Universitário **CEP:** 96.815-900
UF: RS **Município:** SANTA CRUZ DO SUL
Telefone: (51)3717-7680 **E-mail:** cep@unisc.br



Continuação do Parecer: 1.469.364

Benefícios: Quanto aos benefícios, acredita-se que esta pesquisa contribuirá na construção de novos conhecimentos acerca dos fatores que envolvem os encaminhamentos psicológicos de crianças nos anos iniciais realizados pela escola.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Adequados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Sugere-se incluir no TCLE um campo para expressa autorização da gravação da entrevista.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto aprovado e em condições de ser executado.

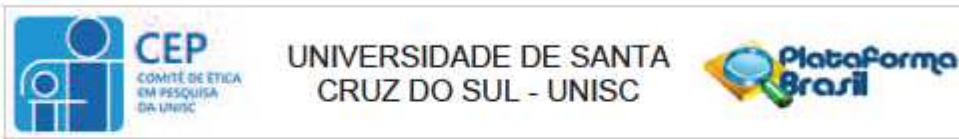
Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_630743.pdf	21/03/2016 16:34:41		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	21/03/2016 16:34:19	ROSELAINE BERENICE FERREIRA DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	cartadeaceite.pdf	03/03/2016 23:06:08	ROSELAINE BERENICE FERREIRA DA SILVA	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	27/11/2015 21:50:19	ROSELAINE BERENICE FERREIRA DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	TCC.pdf	27/11/2015 21:49:24	ROSELAINE BERENICE FERREIRA DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	27/11/2015 21:48:20	ROSELAINE BERENICE FERREIRA DA SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Av. Independência, nº 2293 -Bloco 6, sala 603
 Bairro: Universitário CEP: 96.815-900
 UF: RS Município: SANTA CRUZ DO SUL
 Telefone: (51)3717-7680 E-mail: cep@unisc.br



Continuação do Parecer: 1.469.364

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

SANTA CRUZ DO SUL, 29 de Março de 2016

Assinado por:
Ingo Paulo Kessler
(Coordenador)

Endereço: Av. Independência, nº 2293 -Bloco 6, sala 603
Bairro: Universitário CEP: 96.815-900
UF: RS Município: SANTA CRUZ DO SUL
Telefone: (51)3717-7680 E-mail: cep@unisc.br